Hernandes Dias Lopes

Súplicas do Mundo



VOX LITTERIS
Um Selo Editorial Hagnos

"Pois sabemos que toda a criação geme e agoniza até agora, como se sofresse dores de parto; e não somente ela, mas também nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, aguardando ansiosamente nossa adoção, a redenção do nosso corpo."

(Romanos 8.22-23 — Almeida século 21)



Hernandes Dias Lopes, casado com Udemilta Pimentel Lopes, pai de Thiago e Mariana. Bacharel em teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, SP e Doutor em Ministério pelo *Reformed Theological Seminary* de Jackson, Mississippi, Estados Unidos. Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Vitória, Espírito Santo, desde 1985. Conferencista e escritor, com mais de 80 livros publicados.

Contatos:
www.hernandesdiaslopes.com.br
hdlopes@veloxmail.com.br

Hernandes Dias Lopes

Súplicas do Mundo

VOXLITTERIS
Um Selo Editorial Hagnos

© 2010 por Hernandes Dias Lopes

Revisão
Dominique Maquins
Priscila Michel Porcher

Capa
Douglas Lucas

Diagramação
Sandra Oliveira

1ª edição - outubro de 2010

Gerente editorial
Juan Carlos Martinez

Coordenador de produção
Mauro W. Terrengui

Impressão e acabamento
Imprensa da Fé

Todos os direitos desta edição reservados para:
Editora Hagnos
Av. Jacinto Júlio, 27
04815-160- São Paulo - SP - Tel (11)5668-5668
hagnos@hagnos.com.br - www.hagnos.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lopes, Hernandes dias -
Súplicas do mundo / Hernandes Dias Lopes. - São Paulo, SP: Hagnos 2010.

ISBN 978-85-63563-09-5

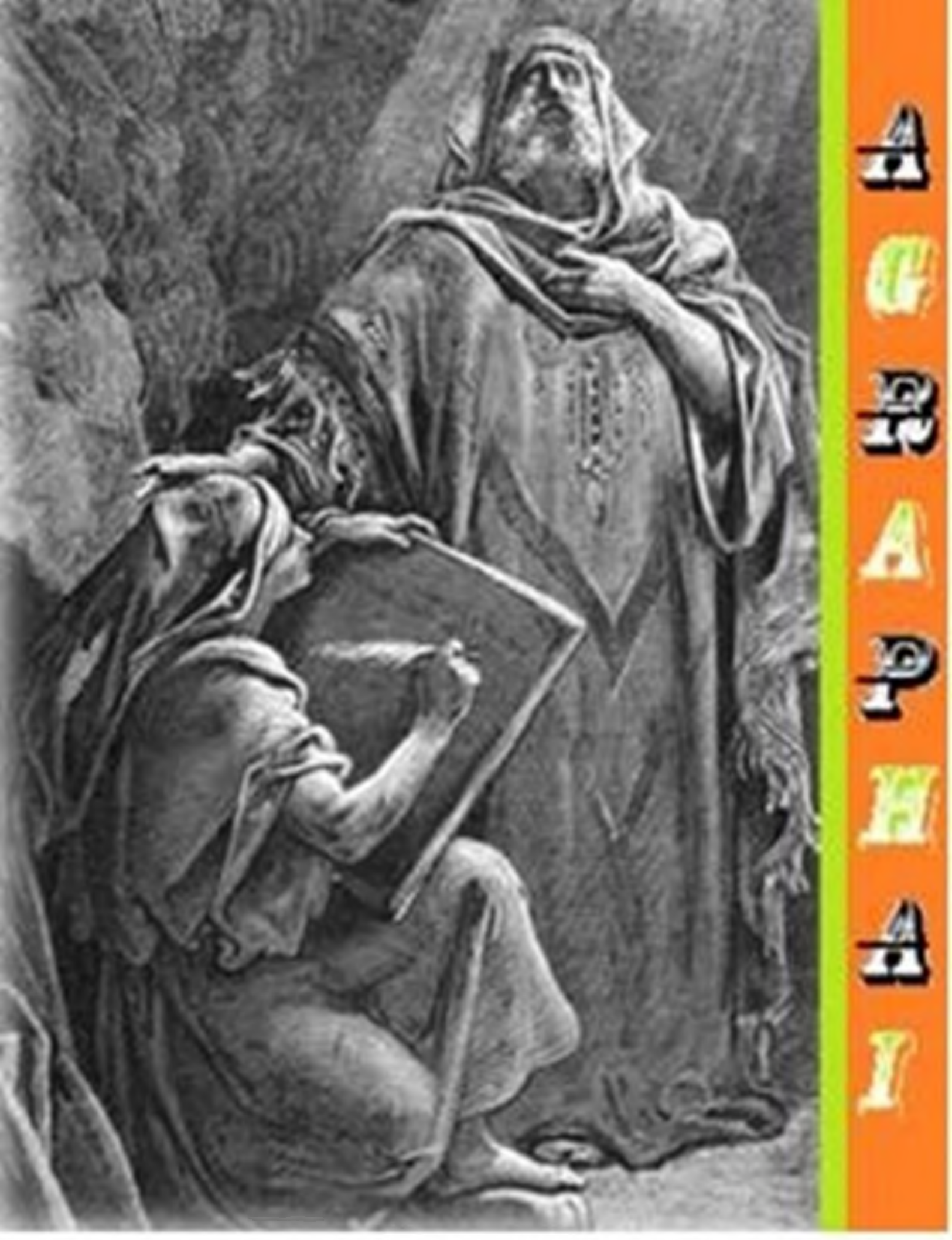
1. Conflito social 2. Dignidade humana 3. Globalização 4. Paz 5. Violência
6. Violência - Aspectos religiosos I. Título

10-08958 CDD-261.8

Índices para catálogo sistemático:
1. Dignidade humana e paz: Teologia social: 261.8

Dedicatória

Dedico este livro ao presbítero Paschoal Laviola, homem bom, amigo fiel, servo do Altíssimo, crente zeloso, bênção de Deus em minha vida, família e ministério.



EM BRANCO



Sumário

Prefácio 7

Capítulo 1

Uma sociedade atormentada pelo pecado 11

Capítulo 2

Uma sociedade atormentada pelos demônios 21

Capítulo 3

Uma sociedade atormentada pela degradação moral 41

Capítulo 4

Uma sociedade atormentada pela violência 63

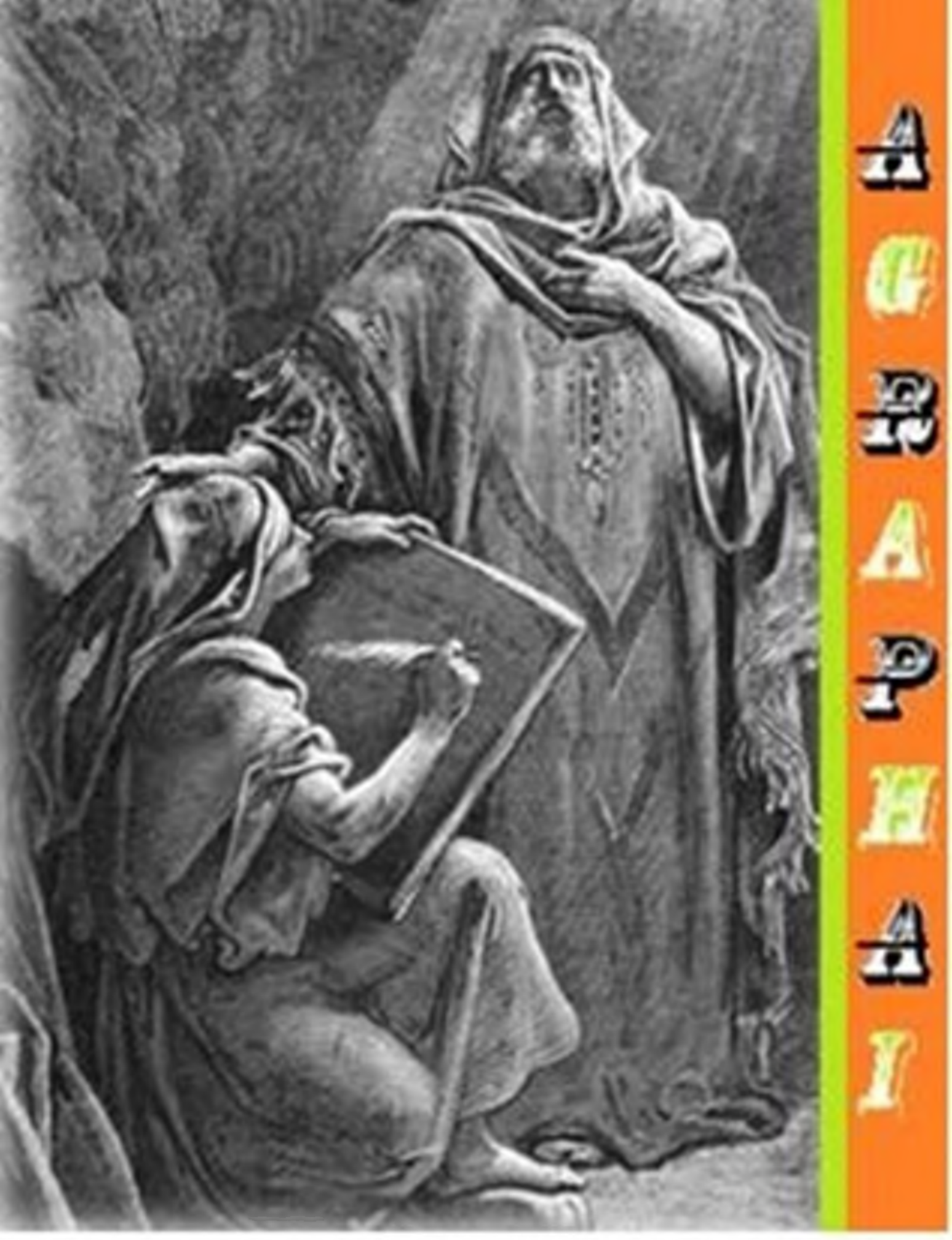
Capítulo 5

Uma sociedade atormentada pelos efeitos do aquecimento global 72

Capítulo 6

Uma sociedade consolada pela esperança 89

AGRAFIA



EM BRANCO

Prefácio

O MUNDO ESTÁ DOENTE. Podemos ver seu pranto e escutar seus gemidos. A natureza foi submetida à servidão. Ela está sujeita à vaidade. A natureza sente dores de parto e aguarda ansiosamente o dia da redenção do seu cativeiro.

Em vez de sermos mordomos da natureza, temos nos transformado em predadores dela. Pisamos com orgulho o terreno dos prodígios da ciência, fizemos viagens à lua, conquistamos o espaço sideral, habitamos no reino das maravilhas, mas destruímos o nosso ecossistema. Estamos depredando a casa onde moramos.

Vivemos numa sociedade doente. As doenças, porém, que mais nos afligem não são as do corpo; são as da alma. À medida que a medicina avança na descoberta de novos tratamentos, temos uma população mais oprimida e mais achatada emocionalmente.

O pecado entrou na história humana, e o homem perdeu sua conexão com Deus, com o próximo, consigo e com a natureza. O homem tornou-se um ser ambíguo, paradoxal e contraditório. A inclinação do seu coração é para o mal. As forças desagregadoras não vêm apenas de fora, mas também, e sobretudo, de dentro. O mal não está somente nas estruturas econômicas, políticas e sociais. O mal está dentro do coração do homem. Essas torrentes que inundam o mundo de violência, corrupção e degradação moral procedem do próprio coração do homem. Não é suficiente dar ao homem educação. Ele precisa de transformação.

A sociedade está sendo atormentada pelos demônios. Há uma espécie de invasão extraterrestre em nosso planeta. Os demônios que sobem do abismo saem em disparada como uma cavalaria do

inferno. Esses seres malignos capitaneados pelo destruidor fazem trepidar a terra em sua marcha aterradora. Os homens são atormentados a ponto de desesperarem da própria vida. Sem paz e assolados pela culpa, muitos buscam respostas em fontes rotas e acabam mais frustrados e mais cheios de desilusão.

A sociedade está sendo assolada por toda sorte de degradação moral. Os valores morais estão de ponta-cabeça. O homem sem Deus escarnece da virtude e faz troça dos valores mais elementares que devem reger a sociedade. Ele aplaude o vício e zomba da decência. Transforma o amargo em doce e o doce em amargo. Chama luz de trevas e trevas de luz. Promove o mal e faz boicote ao bem. Rejeita o conhecimento de Deus e abraça toda sorte de idolatria, adorando a criatura no lugar do criador. O resultado é a humanidade chafurdando-se num atoleiro moral. Os homens são entregues a si mesmos para desonrarem seus corpos entre si, homens com homens, mulheres com mulheres. A rejeição do conhecimento de Deus desemboca na mais aviltante degradação moral.

Vivemos numa sociedade que incentiva o vício e estimula a escravidão moral. A violência campeia em nossas cidades. Temos de sair de casa. Trancamo-nos a sete chaves enquanto os delinquentes andam soltos pelas ruas. O desbarrancamento da virtude não está apenas nos bolsões de miséria social, mas também nos palácios. Os crimes de colarinho branco são tão aviltantes como aqueles que reviram o nosso estômago de náuseas.

Vivemos ainda na sociedade do luxo, do requinte, do avanço milagroso da ciência. Mas, ao mesmo tempo, estamos acuados por uma natureza que reage às loucuras da ganância insaciável. Estamos destruindo a natureza. Estamos agindo como mordomos insensatos. Devastamos nossas florestas, entupimos de lixo os nossos rios, matamos nossas fontes, desertificamos os nossos campos,

poluímos o ar que respiramos. O resultado é o aquecimento do planeta, com as enchentes que se multiplicam ou as secas severas que castigam a terra. Os terremotos se sucedem, colocando abaixo prédios e esmagando sob escombros milhares de vítimas. As ondas gigantescas varrem do mapa cidades costeiras em questões de segundos. Precisamos acordar. Precisamos nos acautelar. Precisamos encostar os nossos ouvidos no peito da natureza para ouvirmos seus dolorosos gemidos.

Mas nossa mensagem não fecha suas cortinas com pessimismo. Não estamos rendidos ao acaso. Não caminhamos como um caminhão sem freio ladeira abaixo. As rédeas da história estão nas mãos daquele que governa os céus e a terra. Haverá uma restauração de todas as coisas. A história não é cíclica nem caminha para uma tragédia irremediável. A história é teleológica e caminha para um fim, no qual a vitória será de Cristo e da sua igreja. A natureza que agora geme será restaurada do seu cativeiro. Os filhos de Deus que agora gemem receberão a adoção de filhos, terão corpos glorificados e reinarão com Cristo para sempre.

Minha expectativa é que a leitura deste livro o desperte para ver o que está acontecendo ao seu redor e dentro de você, e que você se levante para ser diferente e fazer a diferença no meio onde vive.

Hernandes Dias Lopes



AGRAPHAI

EM BRANCO

CAPÍTULO 1

Uma sociedade atormentada pelo pecado

O PECADO É UMA REALIDADE INEGÁVEL. Só aqueles que estão cauterizados por ele negam sua realidade. O pecado é antigo. Ele está presente no mundo desde os primórdios da raça humana. O livro das origens, o livro de Gênesis, registra a queda dos nossos primeiros pais. Antes de entrarmos na exposição de Gênesis 3.1-24, precisamos saber se esse texto é literal ou metafórico. Os teólogos liberais e progressistas dizem que Adão e Eva não existiram. O papa Bento XVI diz que o relato da criação não é literal, mas metafórico. Francis Collins, pai do projeto genoma, em seu livro *A linguagem de Deus,* subscreve a visão do evolucionismo teísta, dizendo que o relato da criação é apenas uma metáfora. Se o relato da criação não é literal, então Adão e Eva não existiram. Se eles não existiram, então não houve queda. Se não houve queda, então o homem não é pecador. Se o homem não é pecador, então ele não precisa de um Salvador. Se o homem não precisa de um Salvador, então Cristo veio ao mundo e morreu inutilmente.

Se esse texto não é literal, então Deus mentiu ao dizer que ele é o criador. Se esse texto é metafórico, então as Escrituras dão um falso testemunho acerca da criação e da queda. Se a criação e a queda são apenas mitos, então Jesus foi um enganador ao se referir à criação do homem e da mulher no princípio e ao ensinar que o mal procede do coração do homem.

Não podemos negar a historicidade desse texto sem jogar por terra toda a Bíblia. A criação e a entrada do pecado no mundo são um relato presente nos livros da lei, nos livros históricos, poéticos, proféticos e em todo o Novo Testamento. Ficamos com as Escrituras, que não podem falhar. Seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso.

O pecado original trouxe um rompimento profundo nas relações do homem. Afetou sua relação com Deus, com o próximo, consigo e com a natureza. O homem é um ser fragmentado, ambíguo e contraditório. Há uma esquizofrenia existencial instalada em seu peito. Ele é arrastado para direções opostas e acaba fazendo o que detesta e deixando de fazer o que deseja.

O pecado é como uma doença.[1] Essa doença endêmica, epidêmica e pandêmica atingiu toda a raça humana.[2] Todos fomos concebidos em pecado. O pecado está em nosso DNA. Todos nascemos em pecado. Todos pecamos por palavras, obras, omissões e pensamentos. O pecado é uma força desagregadora, é uma doença mortal. A queda não foi apenas um pequeno acidente; foi a maior tragédia na história da humanidade. Dessa tragédia decorrem todas as outras. O pecado não é apenas um pequeno e leve deslize, mas uma queda desastrosa. O pecado não é inofensivo; ele é maligno,

---

[1] Isaías 1.5

[2] Romanos 3.23

mortífero. Ele é desagregador. Há quatro fatos que destaco para sua reflexão:

Primeiro, *o pecado separa o homem de Deus.* Quando Adão comeu o fruto proibido, imediatamente sentiu medo de Deus e fugiu da sua presença. O pecado ergueu uma muralha entre o homem e Deus. O pecado separou o homem de Deus. Por ser Deus a essência da vida, o rompimento da comunhão com Deus lançou o homem num estado de morte espiritual. O homem tornou-se cego, surdo, endurecido e espiritualmente morto. O pecado faz separação entre nós e Deus.[3] O homem natural não tem apetite espiritual. As coisas de Deus não lhe apetecem. A inclinação do seu coração é inimizade contra Deus. Essa separação não é apenas uma questão de distância, mas de rebeldia. O homem não está apenas separado de Deus; ele é rebelde contra Deus.

Segundo, *o pecado separa o homem do próximo.* O pecado não apenas separou Adão de Deus, mas também abriu uma fenda em sua relação com Eva. Começou ali no Éden a primeira crise conjugal.[4] Adão culpou Eva por sua queda. Em vez de assumir sua responsabilidade de cabeça central da raça e líder do seu lar, ele buscou os atalhos da racionalização e da transferência da culpa. O pecado produz conflitos conjugais, ciúmes, inveja, ódio, amargura, frieza e acusações. No próprio livro de Gênesis, o livro das origens, vemos o conflito entre Adão e Eva, Caim e Abel, os pastores de Abraão e os pastores de Ló; o conflito entre Sara e Hagar, Ismael e Isaque, os irmãos de José e o jovem sonhador. A história da humanidade é a história das guerras. Em cada tratado de paz, construímos as armas para a próxima guerra.

---

[3] Isaías 59.2

[4] Gênesis 3.12,13

Terceiro, *o pecado separa o homem de si mesmo.* O pecado produziu uma fissura existencial dentro do homem.[5] Junto com o pecado vieram o sentimento de culpa, o complexo de inferioridade, os traumas, o medo, a culpa e as racionalizações. O ser humano é uma guerra civil ambulante. O maior inimigo do homem é o seu próprio coração enganoso. O pecado fez do homem um ser paradoxal, contraditório e ambíguo. O pecado foi uma cunha que rasgou o homem ao meio. O nosso maior inimigo é aquele que vemos quando olhamos no espelho.

Quarto, *o pecado separa o homem da natureza.* Deus criou o homem para ser o mordomo da criação. Deus colocou em suas mãos o cetro de gestor da criação e a batuta de regente dessa majestosa orquestra. O homem deveria governar sobre as aves dos céus, sobre os animais da terra e sobre os peixes do mar. O pecado, porém, trouxe danos não apenas ao homem, mas também à natureza. Por causa do pecado, a natureza foi exposta à escravidão e está gemendo. A terra foi amaldiçoada devido ao pecado do homem e passou a produzir espinhos, cardos e abrolhos. A terra tornou-se inimiga do homem. Sendo o gestor da criação, o homem rendido ao pecado depreda a natureza ou se curva diante dela para adorá-la.[6]

O homem, mesmo bafejado pelos ventos do progresso, está destruindo seu habitat. Estamos depredando a casa onde moramos. Estamos acabando com o nosso ecossistema. Despejamos enxurradas de dióxido de carbono no ar todos os dias. Nossos rios estão se transformando em esgotos a céu aberto. Nossas fontes estão secando, nossas matas estão sendo devastadas, e nossos prados estão

---

[5] Gênesis 3.7

[6] Gênesis 3.17,18

se transformando em desertos. O resultado é que vivemos o drama do aquecimento global. Há uma espécie de desequilíbrio na natureza. Multiplicam-se as enchentes, as secas severas, os maremotos e os terremotos. Parece que as colunas do universo estão abaladas. O telhado do universo parece estar desabando. A natureza está gemendo com dores de parto. Ela aguarda ansiosamente o dia da sua redenção desse amargo cativeiro.[7]

O processo da doença espiritual

Chamo sua atenção para cinco fatos ocorridos na queda dos nossos ancestrais.

Primeiro, *o homem torna-se doente quando abre sua agenda para ouvir o diabo* (Gn 3.1). O diabo é especialista na arte de seduzir. Ele não se aproxima com tridente na mão, cuspindo fogo, fedendo a enxofre. Sua voz é mansa, aveludada e melíflua. Sua abordagem é jeitosa e cativante. Ele chega de forma inofensiva. Ele vem como um lobo vestido com pele de cordeiro. Abrir a agenda para entabular uma conversa com o diabo é o começo de uma grande tragédia. Dar brecha a ele é como abrir-lhe uma larga porta. Ele sabe aproveitar essas oportunidades. O pecado é como o rio Amazonas. Na sua cabeceira, é pequeno o volume de água a ponto de uma criança poder nadar. O maior rio do mundo em volume de água pode ser atravessado a nado em sua cabeceira. Porém, com os seus vários afluentes, o Amazonas torna-se um rio imenso, e nenhum nadador profissional ousaria atravessá-lo. Assim é o pecado. Ele começa pequeno e torna-se depois um gigante. Ele parece no começo um fiapo de linha podre, mas depois se torna grossas correntes que prendem. O veneno que o diabo destila parece doce ao paladar,

[7] Romanos 8.23

mas mata. Tem um cheiro atraente e cativa logo o desejo, mas destrói. Eva jamais poderia imaginar que aquela simples e amistosa conversa com a serpente pudesse desembocar na maior tragédia da humanidade. Ela subestimou o poder do tentador ao abrir sua agenda para ele.

Segundo, *o homem torna-se doente quando abre sua mente para acolher dúvidas sobre a palavra de Deus* (Gn 3.1,2). O diabo é o patrono dos hereges. Ele é o pior exegeta do mundo. Ele é o paraninfo dos teólogos liberais que atacam as Escrituras como os escorpiões do deserto. O diabo tentou Eva com uma pergunta sutil: "É assim que Deus disse?" A dúvida foi a janela por onde entrou a incredulidade. Nessa pergunta, o diabo abriu a possibilidade de Deus não ser digno de confiança. Essa pergunta foi um ataque frontal à fidelidade da palavra de Deus. Sempre que os homens colocam em dúvida a integridade das Escrituras estão seguindo as pegadas do próprio maligno.

O diabo perguntou a Eva: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" Deus havia dito: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás". O diabo colocou um não onde Deus havia dado um sim. Ele inverteu a palavra de Deus. Ele transformou a bondade generosa de Deus em limitação cruel.

Terceiro, *o homem torna-se doente quando abre sua boca para torcer a palavra de Deus.* Eva não apenas abriu sua agenda para dialogar com o diabo; ela não apenas abriu sua mente para hospedar dúvidas acerca da palavra de Deus; ela também abriu sua boca para torcer a palavra de Deus. Eva respondeu: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem

tocareis nele, para que não morrais". Eva acrescentou o que Deus não havia dito e amenizou a sentença que Deus havia dado. Ela torceu a palavra de Deus, colocando em sua boca o que ele não havia falado. Assentar-se aos pés do diabo para aprender a palavra de Deus é matricular-se na escola do engano, é ter o pai da mentira como professor, é diplomar-se na universidade das heresias. A Bíblia é enfática em nos alertar que não podemos tirar nem acrescentar nada ao que está escrito. Toda a Escritura é inspirada por Deus e só a Escritura tem o selo da inspiração. O diabo usa a Bíblia para tentar, e aqueles que caem nas suas insídias tornam-na mais suave ou mais severa do que de fato ela é.

Quarto, *o homem torna-se doente quando abre seus ouvidos para escutar a negação da palavra de Deus.* O diabo disse para Eva: "É certo que não morrereis". O diabo, que começou o diálogo com Eva tão cauteloso, agora põe as unhas de fora e nega frontalmente a palavra de Deus. Ele chama Deus de mentiroso. Ele ataca o caráter de Deus. Ele diz que Deus não é íntegro, nem sua palavra confiável. Porque Eva já havia cedido terreno ao diabo, dando-lhe espaço em sua agenda, não percebe o risco que está correndo, mesmo ouvindo uma negação tão insolente da palavra de Deus. Dar mais valor ao engano do diabo do que à verdade de Deus foi a causa da queda. Ainda hoje, há muitos que estadeiam sua pretensa cultura e arrotam vã sapiência, arvorando-se em juízes de Deus para negar sua palavra e assacar contra ela suas levianas acusações. Críticos insolentes, escritores blasfemos, mestres do engano ainda hoje destilam seu ceticismo cheio de veneno e negam a palavra de Deus para sua própria ruína e perdição.

Quinto, *o homem torna-se doente quando abre seus olhos para ver o pecado como algo agradável.* Eva estava no lugar errado, na hora errada, conversando com a pessoa errada, sobre o assunto errado,

com a motivação errada. Por ter aberto as janelas da alma para as insinuações do diabo, acabou fisgada pelo tentador, caindo na sua rede mortal. O diabo dourou a pílula e mostrou para Eva as vantagens de uma realidade que ela desconhecia e da qual fora privada. O fruto proibido tornou-se belo aos seus olhos e atraente ao seu desejo. O diabo tornou o pecado encantador aos olhos de Eva. Ela viu, desejou e comeu o fruto proibido na ânsia de encontrar o que o diabo lhe prometera. Eva não se apercebeu de que o diabo é um mentiroso, e o pecado é uma fraude. Os luxuriantes jardins do outro lado do muro eram desertos causticantes. As fontes cristalinas que o diabo prometera eram poços cheios de podridão. A liberdade que ele divulgara era pura escravidão. A felicidade que ele prometera era desgraça em grau superlativo. A vida cheia de encantos que ele anunciara era morte eterna. A concupiscência dos olhos, a concupiscência da carne e a soberba da vida eram a isca apetitosa que escondia o anzol da morte.

Sexto, *o homem torna-se doente quando abre seu coração para hospedar sentimentos de ingratidão, insatisfação e megalomania.* O diabo conseguiu plantar no coração de Eva a erva daninha da ingratidão e o espinheiro da insatisfação. Ela, que fora criada à imagem e semelhança de Deus e colocada num lugar perfeito, tendo perfeita comunhão com Deus, sentiu-se infeliz e insatisfeita a ponto de querer ser igual a Deus. Que atitude oposta teve Cristo! Ele, sendo Deus, esvaziou-se e assumiu a condição de homem; sendo homem perfeito, tornou-se servo, e sendo servo, morreu morte de cruz. Eva, sendo criatura, quis ser igual ao criador. A megalomania tomou o lugar da gratidão. A verdade de Deus foi substituída pela dúvida. A palavra de Deus foi abandonada, e o sugestionamento do diabo, acolhido. Essa foi a maior tragédia na história da humanidade.

Diagnóstico da doença espiritual

O pecado é como uma doença contagiosa. Atinge todo o nosso corpo, todos os nossos sentidos. Afeta nosso corpo, nossa mente e nossas emoções. O pecado trouxe sequelas graves à vida de Adão e Eva. Vamos aqui destacar alguns resultados nefastos da queda.

Em primeiro lugar, *o drama da culpa.* Logo que Eva e Adão comeram do fruto proibido, seus olhos foram abertos, e perceberam que estavam nus (Gn 3.7). Seus olhos foram abertos não para ver o que esperavam: ser iguais a Deus, conforme o diabo lhes prometera. Mas para ver sua nudez. Seus olhos foram abertos para perceber que haviam caído numa cilada. A culpa foi a herança maldita de sua escolha errada. Ainda hoje milhões de pessoas vivem atormentadas pela culpa. O diabo as mantém na masmorra do desespero e as tortura continuamente com o azorrague da culpa.

Em segundo lugar, *o peso esmagador da vergonha.* Logo que Adão e Eva perceberam a sua nudez, coseram folhas de figueira para se vestirem (Gn 3.7). Em vez de serem iguais a Deus, caíram num estado de degradação. Em vez de alcançarem um relacionamento interpessoal mais robusto, foram tomados de assalto pela vergonha um do outro. Não foi a nudez que os deixou envergonhados, pois antes do pecado eles estavam nus, mas não se envergonhavam (Gn 2.25). A vergonha é o fruto maldito do pecado. É importante ressaltar que o fruto proibido não é o sexo, como ensina a cultura popular. O sexo é bom, puro, santo e deleitoso. Deus ordenou a relação sexual a Adão e Eva antes da queda. O sexo no casamento é uma ordenança divina. O que está fora do projeto de Deus é o sexo antes do casamento e fora do casamento. O que é contrário à santidade é a degradação do sexo, e não o uso correto dele.

Ao comerem o fruto proibido, em vez de se aproximarem de Deus, Adão e Eva passaram a ter medo dele. Isso prova que o

pecado é uma fraude. Ele é atraente aos olhos, mas engana. Promete liberdade, mas escraviza. Promete vida, mas mata. Adão e Eva tentaram se esconder de Deus, fugindo dele, e tentaram esconder sua nudez um do outro atrás das folhas de figueira. Meros arremedos para quem já havia colocado o pé na estrada da desobediência.

Em terceiro lugar, *o medo e a fuga de Deus.* Quando Adão e Eva escutaram a voz de Deus, esconderam-se por entre as árvores do jardim (Gn 3.8). A presença de Deus não era mais o deleite deles, mas o seu terror. A fobia de Deus substituiu a alegria em Deus. É impossível ter comunhão com Deus e viver no pecado ao mesmo tempo. Sempre que o homem escuta o tentador e naufraga diante da tentação, procura se esconder de Deus. Assaltado pela culpa e tomado pelo medo, busca a rota da fuga. O pecado, entretanto, não apenas torna o homem rebelde, mas também tolo. Como esconder-se daquele que é onipresente? Como fugir da presença daquele que está em toda a parte e tudo vê? De que adianta ficar entre as árvores, se para Deus a luz e as trevas são a mesma coisa? É impossível fugir da presença de Deus. Adão e Eva foram apanhados pelas próprias cordas de seu pecado.

Os mecanismos de fuga

Adão e Eva não só pecaram contra Deus, mas tentaram escapar da responsabilidade de sua transgressão. Tentaram evadir-se, esquivando-se e tirando o corpo fora. Vemos nesse texto três mecanismos de fuga:

Em primeiro lugar, *a racionalização.* O pecado pode ficar escondido por algum tempo, mas não para sempre. Deus invadiu o mundo escuro de Adão e o perturbou com sua altissonante voz: "E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde

estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo e me escondi" (Gn 3.9,10). A voz de Deus não deixará em paz o homem em seu pecado. Deus sabia onde estava Adão. A pergunta não foi para Deus encontrar Adão, mas para Adão cair em si. Em vez de confessar seu pecado, Adão preferiu o atalho da racionalização. Em vez de admitir seu fracasso, tentou tapar o sol com a peneira e dar uma desculpa esfarrapada. Ele não teve medo porque estava nu. Não se escondeu porque estava coberto de folhas de figueira. A consciência da sua nudez e as vestes inadequadas eram a consequência do seu medo, e não a causa do seu pecado. Ele teve medo porque pecou. Ele fugiu porque transgrediu. Além de pecar, ainda tentou camuflar seu delito, buscando o mecanismo da racionalização.

Em segundo lugar, *a transferência.* Como as desculpas de Adão eram absolutamente infundadas, Deus perguntou: "Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses?" (Gn 3.11). Deus não permite que Adão fuja do assunto. Deus o traz de volta ao enfrentamento do problema. Adão tenta escapar, mas Deus o pega pelo colarinho e o traz de volta para a estrada do confronto. Deus põe o dedo na ferida exposta de Adão, dando-lhe a oportunidade da confissão sincera. Em vez de reconhecer seu pecado, arrepender-se dele e confessá-lo, Adão busca mais um mecanismo de fuga ao responder: "Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi" (Gn 3.12). Agora Adão culpa não apenas Eva, mas também Deus pelo seu fracasso. Eva comeu o fruto enganada. Adão comeu-o conscientemente. Eva comeu e deu a seu marido, mas o responsável pela queda da raça foi Adão, pois ele era o representante e cabeça federal da raça. Nós caímos em Adão. Foi por meio de Adão que entrou o pecado no mundo. Adão, entrementes, preferiu

culpar Deus por ter lhe dado Eva, e culpar Eva por ter lhe dado o fruto proibido.

Em terceiro lugar, *a projeção.* Uma vez que Adão culpou Eva pelo fracasso, Deus voltou as perguntas para Eva. "Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi" (Gn 3.13). Tendo Adão como seu marido e mestre, Eva seguiu pelo mesmo atalho e evadiu-se da responsabilidade. Em vez de assumir sua culpa, jogou a responsabilidade sobre a serpente. A projeção é um mecanismo de defesa. Por intermédio desse expediente, buscamos sempre uma explicação para o nosso fracasso, lançando a culpa nos outros. Para usar as palavras do pai da psicanálise, Sigmund Freud, o problema é o outro. Nós somos apenas vítimas, e não os culpados pela situação. Nossos problemas são sempre alógenos e não autógenos, ou seja, são gerados no outro, e não em nós. Os outros são os culpados; nós somos apenas as vítimas.

As consequências do pecado

Destacaremos alguns problemas sérios que a queda dos nossos primeiros pais nos trouxe:

Primeiro, *o conflito conjugal.* A relação mais íntima entre os seres humanos, a relação conjugal, foi frontalmente atingida pelo pecado (Gn 3.12). Adão culpou sua mulher pela tragédia da queda em vez de assumir sua responsabilidade. Ali foi aberta uma ferida que nunca foi plenamente curada. A história da humanidade está crivada de exemplos de maridos acusando as esposas e de esposas culpando os maridos. O conflito conjugal é uma das guerras mais encardidas e uma das batalhas mais complexas da história humana. Aquela relação que deveria ser apenas de encanto e beleza, amor e romantismo, foi contaminada pelo fermento das acusações

amargas e ferinas. O jardim do romantismo foi invadido pela erva daninha das intrigas. A mosca da mágoa caiu no perfume do amor e estragou esse precioso unguento. Multiplicam-se os casos de crimes dentro da família. Maridos se levantam contra suas esposas, e esposas contra seus maridos. O leito conjugal, em vez de estar forrado de viçosas folhas, está crivado de espinhos. O conflito estabeleceu-se no paraíso da comunhão conjugal.

Segundo, *a guerra espiritual.* O pecado não apenas jogou o marido contra a esposa, mas criou uma inimizade medonha entre o diabo e a raça humana. Vale a pena destacar que o mesmo Deus que conversa com Adão e Eva não dialoga com a serpente. Ele apenas a sentencia. "Então o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos, e o és entre todos os animais selváticos: rastejarás sobre o teu ventre, e comerás pó todos os dias da tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar". (Gn 3.14,15). A história da humanidade é uma síntese dessa inimizade entre a serpente e o homem. O diabo, que se materializou na serpente para enganar Eva, é um anjo caído, um espírito perverso e assassino. Ele veio para provocar destruição na família e na sociedade. Nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal.

Terceiro, *o sofrimento.* O pecado trouxe consequências desastrosas para o ser humano e para a natureza. Depois de proclamar a derrota do diabo, Deus volta sua atenção para a mulher: "E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3.16). A dor e o sofrimento

são os cálices amargos que são servidos no banquete do pecado. A gravidez tornou-se um tempo de sofrimento, e o parto, uma hora de dor. A alegria da maternidade foi misturada com o drama do sofrimento. Além disso, a deleitosa comunhão conjugal seria substituída pelo domínio do marido sobre a mulher.

Quarto, *a fadiga.* Depois de sentenciar a mulher, Deus se volta para o homem: "E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses: maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida. Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo. No suor do rosto comerás o teu pão..." (Gn 3.17-19a). O trabalho, até então deleitoso, agora seria penoso. A natureza não seria mais favorável ao homem. Floresceriam naturalmente não mais os frutos deliciosos, mas os espinhos. A fadiga e o suor do rosto seriam seus companheiros de todas as horas na saga da sobrevivência.

Quinto, *a solidão.* O homem queria mais do que o jardim e por isso o perdeu. O jardim deixou de ser o seu lar hospitaleiro, para ser apenas o palco de seu fracasso. Deus expulsou Adão e Eva do jardim (Gn 3.23). Isso prova que o pecado não é ganho, é perda. Adão perdeu sua inocência. Perdeu sua comunhão com Deus, com sua mulher e com a própria natureza. Tornou-se um ser ambíguo, uma guerra civil ambulante. A solidão foi o cálice que Adão sorveu até o fim, sem jamais esgotá-lo.

Sexto, *a morte.* O salário do pecado é a morte. O homem, que foi feito do pó, agora é sentenciado a voltar ao pó. "No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3.19). O homem veio do pó, é pó e voltará ao pó. O pecado é pior do que a pobreza, a doença, a solidão e a morte. Estes males todos não podem separar

o homem de Deus, mas o pecado o separa de Deus agora e eternamente. O pecado é a mãe da morte e o filho da cobiça. O pecado gerado pela cobiça deu à luz a morte. O homem, que fora criado para viver deleitosamente na presença de Deus, agora é sentenciado a voltar ao pó.

A solução de Deus para a tragédia do homem

Deus intervém na tragédia humana e traz-lhe esperança no meio do desespero. Duas coisas são feitas por Deus:

Em primeiro lugar, *Deus promete vitória sobre o diabo* (Gn 3.15). O evangelho de Cristo é preanunciado a Adão, dizendo-lhe que da semente da mulher nasceria aquele que esmagaria a cabeça da serpente. Jesus é a semente da mulher. Ele veio ao mundo para desfazer as obras do diabo. Ele veio para amarrar o valente e saquear sua casa. Para nos arrancar da potestade de Satanás e nos colocar sob o domínio de Deus. Para nos tirar do império das trevas e nos transportar para o reino da luz. Jesus esmagou a cabeça da serpente ao assumir o nosso lugar e morrer por nós como nosso representante e fiador. Cristo derrotou o diabo na cruz ao expor os principados e potestades ao desprezo.

Em segundo lugar, *Deus promete vitória sobre o pecado* (Gn 3.21). Deus vestiu Adão e Eva com peles de animais. Aqui está o primeiro símbolo do sacrifício substitutivo. É por meio do sangue derramado que somos cobertos. Por causa do sangue do Cordeiro sem mácula fomos vestidos com a perfeita justiça de Cristo. Somos justificados, perdoados e aceitos. O sangue de Cristo é o selo da nova aliança. Todas as vezes que participamos da ceia do Senhor estamos lembrando que o Cordeiro foi morto, e nós fomos comprados, lavados e purificados pelo sangue e cobertos por sua justiça. A doença do pecado é uma realidade trágica, mas o remédio

de Deus é maior do que a doença, pois onde abundou o pecado superabundou a graça.

CAPÍTULO **2**

Uma sociedade atormentada pelos demônios

MARK BUBECK ESCREVEU um livro com o título *O reavivamento satânico.* O satanismo está na moda. E agora com diversas versões. Ele se apresenta sem máscara, com toda a sua hediondez, em cultos de feitiçaria. Os demônios também se escondem atrás dos ídolos, e muitos incautos, ao se devotarem a essas imagens, acabam servindo aos espíritos demoníacos que inspiram essa prática. Os demônios, de igual modo, induzem pessoas ao misticismo, às seitas secretas, aos pactos de sangue, à consulta aos mortos, à veneração aos espíritos dos ancestrais. Os demônios ainda estão por trás do humanismo idolátrico. A proposta do homem no centro e o banimento de Cristo para a lateral da vida são um sugestionamento satânico. A proliferação das seitas e o galopante desvio da sã doutrina por parte das igrejas chamadas evangélicas são um sinal evidente da decadência religiosa da nossa geração. O espírito da iniquidade já opera no mundo, pavimentando o caminho da apostasia final. Os homens cegos pelo deus deste século seguem doutrinas de demônios em aberta rebeldia contra Deus.

A literatura mística com laivos satânicos está enchendo as livrarias. As pessoas sorvem esse conteúdo com sofreguidão e se abastecem dessas fontes lodacentas. A literatura que escarnece da fé cristã e faz troça dos lídimos valores morais ganha os mais ruidosos aplausos. A inversão de valores é um apanágio da geração contemporânea. Vivemos dias perigosos de uma terrível invasão demoníaca e uma gritante decadência da família e da sociedade.

Vamos examinar este assunto à luz de Apocalipse, capítulo 9. O apóstolo João faz uma descrição vívida dessa tenebrosa realidade. Ele pinta com cores fortes essa avalanche do mal que inunda a sociedade, provocando desastres gigantescos.

O livro de Apocalipse, depois de falar sobre os sete selos, que retratam a perseguição do mundo contra a igreja, trata das sete trombetas, que apontam para o juízo a esse mundo cruel. As trombetas de Deus são seus poderosos juízos sobre o mundo hostil. Esses juízos atingem tanto a natureza como a raça humana. As trombetas anunciam as intervenções soberanas de Deus na história em resposta às orações dos santos. Esses juízos não são finais, pois visam o arrependimento. Na sua ira, Deus se lembra da sua misericórdia.

As quatro primeiras trombetas foram juízos que atingiram a natureza: a terra, o mar, os rios e os astros. Mas os terrores do tempo do fim vão aumentando em extensão e intensidade. Agora não são apenas calamidades naturais, mas terrores demoníacos que invadem a terra para atormentar os homens.

As últimas três trombetas trazem juízos mais severos, e estes atingem os homens ímpios diretamente. São os "ais" que lhes sobrevirão.

A quinta trombeta fala de um tormento imposto aos homens que não têm o selo de Deus. Há inquietação no mundo. As pessoas não têm paz. Elas buscam refúgio na religião, no dinheiro, bebida,

sexo, drogas, fama, mas o vazio é cada vez maior. A degradação dos valores morais aumenta. As famílias estão se desintegrando. A imoralidade campeia. A violência cresce. Os conflitos se avolumam. Vivemos dias difíceis e ferozes (2Tm 3.1; Mt 8.28).

Para um mundo que rejeita a Deus, com a maldição sobre os homens ímpios eles receberam o que desejam, ou seja, os próprios demônios. Um mundo sem Deus somente pode existir como um mundo em que penetra o satânico. Deus dá aos homens o que eles querem, e nisso está a sua maior ruína. Não há estágio mais degradante para a sociedade humana do que Deus entregá-la à sua própria sorte e aos seus próprios desejos. A ira de Deus que se manifesta do céu é tanto presente como futura. Aqueles que deliberada e conscientemente se insurgem contra o conhecimento de Deus são entregues a uma disposição mental reprovável para praticarem toda sorte de torpezas e abominações (Rm 1.18-32). A degradação moral galopante incentivada pela mídia é um retrato da ira retributiva de Deus a uma sociedade que o desprezou.

A quinta trombeta fala de uma invasão demoníaca sobre a terra, trazendo tormento para os homens. Ao mesmo tempo em que Deus usa a obra do diabo como um castigo, faz dela também uma admoestação aos maus (Ap 9.20,21). Vamos conhecer um pouco mais sobre essa invasão das hordas do inferno.

O líder da invasão demoníaca

O apóstolo João faz uma descrição vívida acerca dessa invasão demoníaca na terra. A primeira coisa que João destaca é o líder dessa devastadora invasão. Vejamos:

Ele é uma estrela caída do céu (Ap 9.1). Os anjos são descritos na Bíblia como estrelas (Jó 38.7). Lúcifer rebelou-se contra Deus e foi lançado para fora do céu. "Como caíste do céu, ó estrela da manhã,

filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!" (Is 14.12). Jesus diz: "Eu via a Satanás caindo do céu como um relâmpago" (Lc 10.18).

A estrela que João viu foi a estrela caída. João não viu uma estrela caindo. A estrela já estava caída. A queda de Satanás é fato passado. Ele é um ser caído, decadente, derrotado. Embora a Bíblia descreva o diabo como o deus deste século, o deus deste mundo tenebroso e o príncipe da potestade do ar, o diabo não é rei nem no inferno. Quem tem as chaves da morte e do inferno é Jesus, o eterno Filho de Deus (Ap 1.18). Diante de Jesus todo o joelho se dobra no céu, na terra e debaixo da terra (Fp 2.10,11).

Ele tem um caráter pervertido, ele é destruidor (Ap 9.11). Os demônios que saem do poço do abismo são liderados por esse ser maligno, chamado de Abadom e Apoliom. Os dois nomes, oriundos do hebraico e do grego, respectivamente, têm o mesmo significado, "destruidor". O diabo é assassino, ladrão e mentiroso. Ele veio roubar, matar e destruir (Jo 10.10).

Há um espírito gerador de crise na política, na economia, nas instituições. Há um espírito gerador de conflitos dentro do homem, entre os homens e entre as nações. Ele é o deus deste século, o príncipe da potestade do ar. O diabo é esse espírito terrível e cruel que atua nos filhos da desobediência (Ef 2.3). Ana Beatriz, no seu célebre livro *Mentes perigosas,* retrata com vívida eloquência a mente perversa dos psicopatas. A consagrada escritora registra vários casos de pessoas insensíveis e sem remorso que praticaram crimes hediondos sem esboçar qualquer sentimento de tristeza ou arrependimento pela sua crueldade. Em momento algum a escritora trabalha a possibilidade de alguns desses criminosos estarem agindo sob a inspiração do patrono dos assassinos nem aventa a possibilidade de recuperação daqueles que vivem prisioneiros dessas práticas nefandas. Muito

embora sejamos contrários à posição escapista daqueles que tentam justificar suas ações criminosas, transferindo a responsabilidade de seus atos para o diabo ou para o sistema, não podemos desconsiderar a ação do maligno sobre os homens maus. A Bíblia fala que ele é o espírito que atua nos filhos da desobediência (Ef 2.3).

Ele tem sua autoridade limitada (Ap 9.1,4,5). O diabo é um ser poderoso, mas Deus é Todo-poderoso. O diabo não tem autoridade de agir a não ser que Deus o permita. A ação do maligno não pode frustrar os desígnios de Deus. É conhecida a frase de Lutero: "O diabo é um cachorro na coleira de Deus; ele só pode ir até onde Deus o permite ir". Destacamos três verdades sobre a limitação do diabo:

Primeiro, a autoridade para abrir o poço do abismo (Ap 9.1). O diabo não tem a chave do poço do abismo. Essa chave lhe é dada. É Jesus quem tem as chaves da morte e do inferno (Ap 1.18). Ele solta um bando de demônios que estavam presos (Jd 6). Existem dois tipos de demônios: os presos aguardando julgamento em algemas eternas e aqueles que estão em atividade. Parte daqueles que estavam presos são liberados aqui (2Pe 2.4). Nos abismos do inferno existem anjos guardados para o juízo. Agora Satanás recebe permissão para que esses demônios saiam e perturbem os homens.

Segundo, a autoridade limitada quanto à ação (Ap 9.4,5). Os gafanhotos são insetos que destroem a vegetação (Ex 10.14,15; Jl 1.4). Mas esses gafanhotos aqui são seres malignos. Eles não podem causar dano à erva da terra (Ap 9.4); eles não podem matar os homens, mas apenas atormentá-los (Ap 9.5); eles não podem atormentar os homens selados por Deus.

Terceiro, a autoridade limitada quanto ao tempo (Ap 9.5). Cinco meses não devem ser entendidos aqui como um tempo

literal. Cinco meses são a duração da vida do gafanhoto, da larva à plenitude da sua ação. Ele não tem poder para agir todo o tempo. Ele está limitado em sua ação e em seu tempo. O diabo caminha para uma derrota fragorosa e acachapante. Seu destino é o lago de fogo. Ele será atormentado pelos séculos dos séculos. Sua derrota é definitiva e final. Não há esperança para ele nem para aqueles que o seguem.

As características dos espíritos demoníacos que saem do abismo

Do abismo sobem gafanhotos; e eles são como cavalos preparados para a peleja (Ap 9.7) e ferroam como escorpiões. Os gafanhotos são insetos insaciáveis. Eles comem e defecam ao mesmo tempo. Quando passam por uma região devastam tudo. Em 1866 uma praga de gafanhotos invadiu a Argélia, e tão grande foi a devastação que duzentas mil pessoas morreram de fome nas semanas seguintes por falta de alimento.

Contudo, esses gafanhotos que João descreve não são insetos, mas demônios. Em certos períodos da história parece que todo o inferno é liberado para agir na terra sem restrição divina (Rm 1.18-32). Deus o permitiu. Deus os entregou. Assim, o terrível problema moral que assola o nosso século é o castigo divino aos homens que o desprezam e zombam da sua palavra. Deus retirou suas restrições. Esse é o toque da quinta trombeta.

Como eles são? Quais são suas características?

Eles são espíritos de obscuridade (Ap 9.2,3). O diabo é das trevas. Ele não suporta a luz. Seus agentes também atuam onde há fumaça, onde a luz é toldada, onde o sol da verdade não brilha, onde reina a confusão. Onde prevalecem as trevas, aí os demônios oprimem.

Esses agentes do inferno criam um nevoeiro na mente das pessoas com falsas filosofias e falsas religiões. O diabo cega o entendimento dos incrédulos. O grande projeto desses demônios é manter a humanidade num berço de cegueira, numa vida de obscurantismo espiritual, e depois levá-la para o inferno. O decantado intelectualismo do nosso século não passa de cegueira espiritual. O homem besuntado de orgulho sacudiu de si o jugo de Deus e colocou-se no lugar de Deus. Sua sabedoria sem Deus é consumada loucura. Sua luz não passa de um noveiro denso cheio de gafanhotos do inferno.

Eles são espíritos de destruição (Ap 9.11). É difícil imaginar uma praga mais devastadora do que um bando de gafanhotos (Ex 10.15; Jl 1 e 2). Esses demônios que saem do abismo têm uma ânsia destruidora. Eles são capitaneados por Abadom e Apoliom. Eles são implacáveis, impiedosos e destruidores.

"Os gafanhotos não têm rei, contudo marcham todos em bandos" (Pv 30.27). Esses espíritos malignos, porém, que agem sob o comando de Satanás, se infiltram nos lares, nas escolas, nas instituições, na televisão, no cinema, no teatro, na imprensa, nas ruas, na vida dos homens. Como uma cavalaria de guerra em disparada provocam grande tormento.

Esses espíritos malignos têm atormentado vidas, arruinado lares, jogado jovens na vala lodacenta das drogas, empurrado-os para a prática da imoralidade, semeado a ganância criminosa no coração de homens depravados. Eles destroem a paz. Essa cavalaria do inferno, em sua cavalgada, pisoteia crianças, jovens e famílias, trazendo grande sofrimento por onde passa.

Eles são espíritos de poder e domínio (Ap 9.7). Esses demônios atuam nos filhos da desobediência (Ef 2.3). Eles mantêm no cativeiro seus escravos (Mt 12.29). Os ímpios estão sob o domínio

de Satanás (At 26.18) no reino das trevas (Cl 1.13). O diabo é o deus deste século (2Co 4.4) e o príncipe da potestade do ar (Ef 2.2). Há pessoas que vivem sob o reinado de medo e terror. Há pessoas que são verdadeiros capachos de Satanás, indo a cemitérios para fazer despachos. Outras são ameaçadas de morte ao tentarem sair dos seus tentáculos. Em 1991 visitei a missão Kwa Sizabantu, na África do Sul. Estive entre a tribo Zulu. Eles têm uma tradição que ilustra este ponto que estamos abordando. Na cultura zulu, quando um jovem começa a namorar uma moça, ele dá lhe um lenço branco. Se o namoro, porém, terminar, a moça precisa devolver o lenço ao rapaz. Não fazê-lo dá ao jovem o "direito" de abusar dessa moça mais tarde. O pecado é esse "lenço". Enquanto o homem vive na prática do pecado está sob o poder do diabo. Torna-se escravo do diabo.

Os espíritos demoníacos controlam a vida daquelas pessoas que vivem na prática da mentira, pois o diabo é o pai da mentira e mentiroso desde o princípio. A mentira está presente nas rodas de negócios e nas mesas de jogo; nos palácios e nas choupanas; nas famílias e nas igrejas.

Esses espíritos controlam aqueles que vivem com o coração cheio de mágoa e ressentimento (Mt 18.34; 2Co 2.10,11). A ira descontrolada é uma porta aberta à ação dos demônios (Ef 4.26,27). Uma pessoa destemperada emocionalmente é um fantoche nas mãos do maligno. Muitos crimes passionais acontecem todos os dias por pessoas prisioneiras da mágoa e asseclas do diabo.

Esses espíritos cegam o entendimento dos incrédulos, mantendo as pessoas no cativeiro da incredulidade (2Co 4.4). A incredulidade não é apenas um problema intelectual, mas, sobretudo, espiritual. O diabo torna a mente do homem obtusa. Coloca uma venda nos olhos das pessoas, de tal forma que elas leem, mas não entendem;

escutam, mas não percebem; veem, mas não enxergam as maravilhas da fé cristã.

Eles são espíritos de inteligência (Ap 9.7). Esses espíritos malignos podem distinguir os que têm o selo de Deus daqueles que não o têm. No reino espiritual anjos e demônios sabem quem é você. Encantamento não vale contra a tenda do povo de Deus. O maligno não lhe toca. O diabo e seus demônios não podem atingir você a não ser que Deus o permita. Esses espíritos possuem uma inteligência sobrenatural. Eles são peritos estrategistas. Precisamos ficar atentos contra as ciladas do diabo. Os demônios são detetives invisíveis. Eles armam ciladas, criam sutilezas, inventam filosofias e religiões para torcer a verdade. Esses gafanhotos invadem a imprensa, as universidades, a televisão e até os púlpitos.

Eles são espíritos de sensualidade (Ap 9.8). Devemos fugir daquela ideia medieval que pinta o diabo como um ser horrendo. Ele se dissimula. Ele se transfigura em anjo de luz. Usa uma máscara atraente. O culto mais popular da Ásia era a Dionísio, voltado à sensualidade. Nesse culto, os adeptos se extasiavam loucamente, meneando o cabelo volumoso em danças obscenas. Esses espíritos despejam no mundo uma torrente de sensualidade. Não obstante a impureza proceder do nosso coração pecaminoso, esses espíritos malignos promovem toda sorte de sensualidade. A orgia, a pornografia, o homossexualismo e toda sorte de depravação moral estão enchendo a nossa cultura como uma fumaceira que sobe do abismo.

O sexo no namoro, a infidelidade conjugal e as aberrações sexuais estão se tornando coisas normais para essa sociedade decadente. A pornografia industrializou-se poderosamente sob a indiferença de uns e a conivência de outros. A internet, com seu cardápio variado, abre milhares de janelas diante de olhos cobiçosos, oferecendo os petiscos da obscenidade no banquete dos prazeres. Milhões

de pessoas se lambuzam e se empanturram com essas iguarias e chafurdam a alma nesse pântano nauseabundo.

Eles são espíritos de violência (Ap 9.8b). Dentes de leão falam de poder de aniquilamento (Jl 1.6). Dentes como de leão retratam o poder destrutivo e devastador desses demônios. Eles não brincam, não descansam, não tiram férias. Eles são atormentadores. Agem com grande violência. Eles estão por trás de facínoras como Hitler e Mao Tse Tung. Estão por trás das gangues de narcotráfico. Essa cavalaria do inferno por onde passa deixa um rastro triste de violência e destruição.

Eles são espíritos de inatingibilidade (Ap 9.9). Esses espíritos são seres invisíveis e inatingíveis que não podem ser atacados por armas convencionais (Jl 2.7-9). Eles não podem ser detidos em prisões humanas nem ser destruídos por bombas. Precisamos enfrentar essas hordas com armas espirituais. Não podemos enfrentar esses gafanhotos na força da carne. Não podemos entrar nesse campo sem o revestimento do poder de Deus.

Esses gafanhotos têm couraças de ferro. Eles parecem inatingíveis. São como os esquemas de corrupção do crime organizado que se instalam nas instituições e resistem à ação repressiva da lei.

A principal ação dos espíritos demoníacos que saem do abismo

O apóstolo João destaca três fatos acerca da ação desses seres malignos que saem do abismo.

Primeiro, *a missão deles é atormentar os homens* (Ap 9.4,5). João vê que, ao ser aberto o abismo, sobem imediatamente do poço colunas de fumaça, semelhantes à fumaceira de uma grande fornalha. É a fumaceira da decepção e do erro, do pecado e do vício, da violência e degradação moral. Tão lôbrego é esse fumo que são

entenebrecidos o sol e o ar. Isso é símbolo da terrível cegueira moral e espiritual provocada por essas forças terríveis que agem na terra.

Essa estrela caída é um dragão cheio de cólera (Ap 12.12). Esses gafanhotos são como uma cavalaria infernal que pisoteia e faz trepidar a terra e como escorpiões que ferroam os homens com o seu terrível veneno.

João está falando de uma invasão extraterrestre, de forças cósmicas do mal invadindo a terra. Há um cerco de demônios em volta da terra. Os homens estão cercados pelos gafanhotos do inferno.

Esses gafanhotos tornam a vida dos homens um pesadelo. Eles os despojam homens de toda perspectiva de felicidade. Eles tornam a vida humana um palco de dor e um picadeiro de angústias infernais. Eles ferroam os homens como escorpiões cheios de veneno (Ap 9.5,10).

Esses gafanhotos tiram a paz da terra. O homem vive atormentado, inquieto. Não há paz para o ímpio. Não há paz nas famílias. O mundo está em conflito. Nesse desespero existencial os homens buscam a fuga do misticismo, das drogas, do alcoolismo, mas não encontram alívio.

O sofrimento que esses gafanhotos provocam não é imaginário, mas real. Não é apenas espiritual, mas também físico. Não é somente um sofrimento escatológico, mas histórico, presente.

Segundo, *a missão deles é causar dano aos homens* (Ap 9.4,10). Esses seres malignos receberam poder (Ap 9.3) para causar dano aos homens (Ap 9.4,10). Ah! Quantos danos eles têm causado aos homens! Quantas perdas, lágrimas, vergonha, dor, angústia nos lares arrebentados, vidas iludidas, pessoas com a esperança morta. O diabo é um farsário, ele promete prazer, mas só dá desgosto. Ele promete vida, mas provoca a morte. Onde ele age, há danos e perdas.

Terceiro, *o tormento que eles causam aos homens é pior do que a morte* (Ap 9.6). Como em Apocalipse 6.15,16, as pessoas buscam a morte em lugar de Deus (Ap 9.6). Essas pessoas não têm nenhuma disposição para o arrependimento (Ap 9.20). O espírito da época consiste da saturação da vida e do medo indefinível de viver, atraído misteriosamente pelo jogo com o desespero. O ser humano desperdiça-se, sem livrar-se de si mesmo. Transforma-se num suplício em pessoa.

O tormento causado por esses gafanhotos é tão grande que os homens buscarão a morte a fim de encontrar alívio para a agonia que sentem, mas nem mesmo a morte lhes dará alívio.

Hoje, muitos flertam com a morte e preferem-na à vida. Pior que qualquer ferida é querer morrer e não poder fazê-lo. Os homens verão a morte como alívio, mas nem a morte lhes trará alívio, mas tormento eterno. A morte não consegue matar esse desespero. Esse tormento é pior do que a morte.

> Soren Kierkegaard alguma vez disse: "O tormento do desespero é exatamente esse, não ser capaz de morrer. Quando a morte é o maior perigo, o homem espera viver; mas, quando alguém vem a conhecer um perigo ainda mais terrível que a morte, esse alguém espera morrer. E, assim, quando o perigo é tão grande que a morte se torna a única esperança, o desespero consiste no desconsolo de não ser capaz de morrer."

O sofrimento é tal que a morte seria preferível. Os homens verão a morte como um alívio. Mas nem a morte pode livrá-los desse indescritível sofrimento. Jó fala desse sentimento: "Por que se concede luz ao miserável, e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem; cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos" (Jó 3.20,21).

A proteção do povo de Deus diante dos ataques desses seres malignos

O diabo e seus demônios conhecem aqueles que são de Deus e não lhes tocam (Ap 9.4). Quando você pertence à família de Deus você se torna conhecido no céu, na terra e no inferno. Quem é nascido de Deus, Jesus o guarda e o maligno não lhe toca (1Jo 5.18). Aquele que está em nós é maior do que aquele que está no mundo (1Jo 4.4). Nenhuma arma forjada contra nós prosperará (Is 54.17). Porque Deus é por nós, ninguém poderá ser contra nós e nos destruir (Rm 8.31). Agora estamos nas mãos de Jesus (Jo 10.28).

O povo de Deus é distinguido dos ímpios pelo selo de Deus. A igreja é o povo selado de Deus (Ap 7.4). Aqueles que receberam o selo de Deus são protegidos do ataque desse bando de gafanhotos (Ap 9.4b).

O selo de Deus é o Espírito Santo que recebemos quando cremos. O Espírito Santo é o selo e o penhor da nossa redenção (Ef 1.13,14). Somos propriedade exclusiva de Deus. Somos o povo genuíno de Deus. Somos invioláveis. O diabo não pode nos tocar.

Os selados estão livres dos tormentos. Aqueles que estão sob o abrigo do sangue do Cordeiro não estão debaixo do tormento dos demônios. "A maldição do Senhor habita na casa do perverso, porém a morada dos justos ele abençoa" (Pv 3.33).



AGRAPHAI

EM BRANCO

CAPÍTULO 3

Uma sociedade atormentada pela degradação moral

A CONHECIDA E PROCLAMADA degradação moral de Sodoma e Gomorra é coisa insignificante diante da desfaçatez e imoralidade da nossa geração. Augusto Comte estava equivocado ao pensar que a educação resolveria o problema do homem.

A queda não trouxe apenas alguns arranhões à humanidade, mas ruína, destruição e morte espiritual. O homem não precisa só de cosméticos para melhorar sua aparência; ele precisa de ressurreição para levantá-lo da morte.

O nosso problema não é metafísico, mas moral. O homem está sob a ira de Deus, por isso, ele precisa de salvação. Não precisamos de nenhum guia espiritual ou do exemplo inspirador de algum mártir. Precisamos de um salvador real, porque estamos sob a ira real de Deus.

Depois que Paulo apresenta o tema da sua carta aos romanos (Rm 1.16,17), falando do evangelho, ele passa a falar sobre a necessidade do evangelho (Rm 1.18-3.23). O apóstolo Paulo argumenta,

de forma irrefutável, que tanto os gentios como os judeus são absolutamente culpados diante de Deus. Ambos pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Os gentios pecaram contra a revelação natural, e os judeus, contra a revelação especial. Ambos precisam ser salvos de igual forma e ambos só podem ser salvos pela fé em Cristo Jesus.

O texto em apreço, Romanos 1.18-32, não é apenas uma radiografia da sociedade gentílica dos dias de Paulo, um sombrio quadro do mundo pagão, mas também um diagnóstico sombrio da condição do homem contemporâneo. A humanidade toda está moralmente arruinada. Chamamos a atenção para alguns pontos:

Em primeiro lugar, *Paulo rechaça a teoria de que o homem é naturalmente bom.* Estava rotundamente equivocado o pensador francês Jean Jacques Rousseau quando postulou que o homem é essencialmente bom. O mal não está somente nas estruturas sociais. O mal não é apenas um subproduto do ambiente. O coração do homem é a fonte poluída de onde jorra aos borbotões toda sorte de sujeira e maldade. O caos infernal da sociedade é apenas um reflexo da malignidade do corrupto coração humano. O mundo gentio é descrito por Paulo como sendo um antro de vícios (Rm 1.24-32).

Em segundo lugar, *Paulo rejeita a ideia de que o maior problema do homem é a falta de conhecimento.* O problema do homem não é ignorar a verdade de Deus, mas abafar e sufocar essa verdade. Não é o desconhecimento inconsciente da verdade de Deus, mas a rejeição consciente dessa verdade. Deus se revelou ao homem, mas este sufocou tal conhecimento, banindo Deus deliberadamente da sua vida.

A boa criação de Deus rebrilha para dentro de cada consciência, de modo que cada um poderia ser grato (Rm 1.20,21). O homem

não vive numa caverna escura. A criação é testemunha de Deus. A natureza revela conhecimento. Há uma voz que é ouvida onde quer que os seres humanos vivam, estejam eles com ou sem a Bíblia. É a voz da criação (Sl 19.3). Mesmo aqueles que não têm Bíblia têm suficiente conhecimento de Deus a ponto de serem indesculpáveis (At 14.17).

Em terceiro lugar, *Paulo repudia a falsa mensagem de que o homem tem apenas necessidades imediatas.* A pregação contemporânea tem uma visão falsa da queda, do pecado, do homem e da salvação. A visão bíblica de que o homem está morto em seus delitos e pecados e vive prisioneiro da carne, do mundo e do diabo não é proclamada mais na maioria dos púlpitos. A pregação contemporânea mostra que o homem tem algumas necessidades imediatas e temporais, mas não está perdido. A Bíblia diz, porém, que o homem é um ser rebelde contra Deus; está debaixo da ira de Deus e sob o seu castigo temporal e eterno. Essa é a condição de toda a humanidade (Rm 3.23). O estado dos povos é descrito por Paulo como sendo completamente sem esperança.

Em quarto lugar, *Paulo rejeita uma evangelização que não trate do núcleo do problema do homem.* Floresce no meio evangélico uma mensagem focada nas necessidades imediatas do homem (cura e prosperidade) e em seus pretensos direitos. Os púlpitos massageiam o ego dos pecadores. Tornam-se divãs eivados da psicologia de auto-ajuda. Isso porque perdemos a consciência do estado de rebeldia contra Deus em que o homem se encontra. Com isso, a igreja perde o fervor missionário e passa a pregar apenas em panaceia, sem tocar no âmago do problema humano, que é o pecado.

O mundo gentio culpado diante de Deus passa por quatro estágios: 1) inteligência (Rm 1.18-20); 2) ignorância (Rm 1.21-23); 3) imoralidade (Rm 1.24-27); 4) impenitência (Rm 1.28-32). O dr.

Augustus Nicodemos, em célebre mensagem sobre a referida passagem bíblica, interpretou-a, abordando três grandes assuntos: revelação, rejeição e retribuição. Vamos, agora, examinar esses pontos.

A revelação

Paulo não tem constrangimento em falar da ira de Deus. Ele não tem preocupação de ferir os melindres das pessoas mais sensíveis. Assim como a justiça de Deus se revela no evangelho, a ira de Deus se revela desde o céu contra toda impiedade e perversão dos homens.

Deus não é indiferente ao pecado, pois este é uma afronta à sua santidade, um assalto direto à sua majestade. Sendo assim, a ira de Deus é uma expressão que indica o justo derramamento do desfavor divino sobre o pecador.

A ira de Deus não é incompatível com o seu amor: ao contrário, ela é uma expressão do seu amor. É justamente porque nos ama de forma verdadeira, séria e fiel que está irado conosco na nossa pecaminosidade. Por outro lado, o pleno significado da ira de Deus não deve ser visto nas desgraças que acontecem a homens pecadores no decorrer da história: a sua realidade só é verdadeiramente conhecida quando vista na sua revelação no Getsêmani e no Gólgota.

Destacaremos alguns pontos aqui:

Em primeiro lugar, *a ira de Deus é justa por causa da forma injusta como o homem se relaciona com a verdade.* "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça (Rm 1.18)". A ira de Deus não é destempero emocional. Ela não é explosão de raiva. Não está eivada de caprichos. Não deve ser concebida em termos de explosões de ódio, com as quais a ira, em nós, está frequentemente associada.

A ira de Deus é sua santa repulsa ao mal, é seu desprazer dinâmico contra o pecado. A ira de Deus é a reação da santidade divina diante da impiedade e rebelião do homem. A ira consiste na santa reação do ser de Deus contra aquilo que é contrário à sua santidade.

Não se deve associar a ira de Deus com quaisquer ideias de humana paixão, fraqueza ou vingança. Nem nos deve fazer perder de vista o universal amor de Deus. Sendo assim, no conflito moral, o contrário de "ira" não é "amor", mas "*neutralidade*".

Vejamos algumas verdades:

A dinâmica da ira (Rm 1.18). O verbo "revelar" está no presente contínuo, e isso significa que a manifestação da ira é contínua. O pecado atrai a ira de Deus. Foi assim no dilúvio, na destruição de Sodoma e Gomorra, nas pragas do Egito e em todas as visitações da ira de Deus na história dos homens. A revelação da "ira vindoura" nos tempos finais (1Ts 1.10) é antecipada pela revelação do mesmo princípio na vida corrente do mundo.

A origem da ira (Rm 1.18). A ira de Deus se revela do céu. Ela vem de cima, do trono daquele que governa moralmente o universo e não pode tolerar passivamente o mal. A história é o palco da manifestação desta ira contínua de Deus. Por ser procedente do céu, o trono de Deus, a ira divina é ativa.

A causa da ira (Rm 1.18). A causa da ira é a impiedade e a perversão dos homens. Fritz Rienecker diz que a impiedade tem a ver com o relacionamento com Deus, e a perversão, com o relacionamento com os homens. Impiedade é rebelião contra Deus; perversão é rebelião contra o próximo. A impiedade é a quebra da primeira tábua da lei; a perversão é a quebra da segunda.[8]

---

[8] Rienecker, Fritz e Rogers, Cleon. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego.* Edições Vida Nova. São Paulo, SP. 1985: p. 256.

A "impiedade" fala daquela perversão de natureza religiosa, ao passo que a "perversão" se refere àquilo que tem caráter moral; a primeira pode ser ilustrada pela idolatria; a última, pela imoralidade. A impiedade para com Deus resulta em injustiça para com os homens. A impiedade se refere a violações dos quatro primeiros mandamentos, e injustiça, à violação dos seis últimos; porém, mais verossímil é que as duas palavras são empregadas como duas expressões para a mesma coisa.

O alvo da ira (Rm 1.18). A ira de Deus se revela contra toda impiedade e perversão dos homens que "detêm a verdade pela injustiça". Por causa da impiedade e da perversão os homens sufocam e abafam a verdade. Todo pecado é uma resistência deliberada a Deus. A palavra "deter" significa matar por afogamento. Os homens, com inumeráveis maldades, martelam contra esse saber (Rm 1.20,21), prendendo-o no porão de sua consciência, não permitindo que se erga. É muito difícil, porém, excluir Deus do raciocínio, por mais fácil que seja excluí-lo do discurso.

Em segundo lugar, *a ira de Deus é justa por causa da forma consciente com que o homem rejeita a revelação divina* (Rm 1.19,20). Chamamos a atenção para algumas verdades solenes:

O homem só pode conhecer a Deus porque ele se revelou (Rm 1.19). Calvino inicia as *Institutas* dizendo que só podemos conhecer a Deus porque ele se revelou. O conhecimento de Deus não é fruto da lucubração humana, mas da própria revelação que Deus faz de si mesmo.

A revelação natural é suficiente para mostrar a majestade de Deus (Rm 1.20). O homem tem a verdade porque Deus se revelou na natureza. A criação é uma manifestação visível do Deus invisível. A criação ou revelação natural fala sobre os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua divindade.

As obras visíveis da criação de Deus manifestam suas perfeições invisíveis. Deus deixou sobre sua obra criada as "impressões digitais" de sua glória, e esta se torna manifesta a todos. Depreendemos desse fato que Deus é distinto da criação. Ele não se confunde com as coisas criadas. O panteísmo, portanto, é uma falácia. De igual forma, concluímos que Deus é soberano, uma vez que trouxe à existência as coisas que não existiam. O universo não é fruto de uma geração espontânea. O universo não pariu a si mesmo. Ele foi criado. Não é resultado de uma explosão cósmica, uma vez que a desordem não produz a ordem, nem o caos produz o cosmos. O universo não é consequência de uma evolução de bilhões e bilhões de anos. Antes, ele é obra de Deus e arauto de Deus. O rei Davi escreve: "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1). Todo o cosmos é um testemunho eloquente da existência de Deus.

A autorrevelação de Deus através das "coisas que foram criadas" tem quatro características básicas: 1) ela é universal ou geral porque se destina a todo o mundo em todos os lugares; 2) ela é natural porque se deu pela ordem natural. Nisso ela se opõe à sobrenatural, que envolve a encarnação do Filho e a inspiração das Escrituras; 3) ela é contínua, pois vem desde a criação do mundo e continua dia após dia, noite após noite, ao contrário da "final", que é completa em Cristo e nas Escrituras; 4) ela é criacional, revelando a glória de Deus através da criação, no que se opõe à revelação salvadora, que manifesta a graça salvadora de Deus em Cristo.

A revelação natural é suficiente para tornar o homem indesculpável perante Deus (Rm 1.20). Mesmo que a revelação natural não seja suficiente para salvar o homem, ela é suficiente para responsabilizá-lo. Todos os homens são indesculpáveis perante Deus porque a verdade de Deus tem-se manifestado a eles tanto na luz da

consciência como no testemunho da criação (Rm 1.19,20). Os homens não poderão fazer apologia em seu favor. Ninguém poderá dizer para Deus no dia do juízo: "Ah, eu não sabia que o Senhor existia, eu não sabia que o Senhor é criador do universo". O próprio mundo é descrito pelo termo *cosmos,* que significa "ordem" e que implica desígnio por parte do criador.

Aqui cai por terra a teoria do índio inocente, dos povos remotos que estão em estado de inocência. Não é essa a teologia de Paulo. Todos os povos são indesculpáveis diante de Deus. Eles pecam contra Deus conscientemente.

Paulo está dizendo, também, que o ateísmo é uma grande tolice. Ninguém nasce ateu. Na verdade esse conhecimento de Deus é sufocado. Os ateus se fazem assim. O ateísmo não é uma questão intelectual, mas moral. O pecado é sempre um assalto à verdade, isto é, à verdade fundamental de Deus como criador, redentor e juiz.

A rejeição

Paulo traça os passos pelos quais o mundo pagão descambou do conhecimento do Deus verdadeiro à idolatria mais degradada e abstrusa. Destacamos aqui quatro pontos:

Em primeiro lugar, *conhecimento suficiente* (Rm 1.21). "...porquanto, tendo conhecimento de Deus..." O problema do homem não é ausência do conhecimento de Deus, mas a negação de Deus. O homem possui suficiente conhecimento da verdade para garantir ser descrito como tentando abafá-la. Ele tem conhecimento suficiente, mas sufoca esse conhecimento. O homem quer tirar Deus do seu caminho, eliminá-lo do seu pensamento, bani-lo da sua vida. O homem tem conhecimento suficiente de Deus para tornar-se indesculpável.

Em segundo lugar, *rejeição consciente* (Rm 1.21). "... não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios..." A princípio, o pecado dos homens é pecado por omissão. Um duplo "não" os acusa (não glorificaram a Deus nem lhe deram graças). Portanto, no começo não está o "dizer não", mas o "não dizer". Quando os homens rejeitam a verdade, abraçam a mentira em seu lugar. A ausência da verdade sempre assegura a presença do erro.

O homem rejeita conscientemente o conhecimento de Deus de duas formas:

Primeiro, deixando de glorificá-lo por quem ele é. O homem deveria olhar para a natureza e ver nela a glória de Deus. Deixar de ver os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua divindade nas obras da criação é privar Deus da sua própria glória. Glorificar a Deus como Deus não é aumentar sua glória significa meramente atribuir-lhe a glória que lhe pertence como Deus, ou seja, dar a ele, nos pensamentos, afetos e devoção, o lugar que lhe pertence, em virtude das perfeições que a própria criação visível manifesta.

Atribuir a criação ao acaso é despojar Deus de sua majestade. Portanto, quando os povos pagãos, seja nos grandes centros urbanos ou nas selvas mais remotas, dão glória aos seus ídolos, não fazem isso de forma inocente. Trata-se de uma rebelião deliberada.

Segundo, deixando de agradecer-lhe pelo que fez. Glorificamos a Deus por quem ele é e lhe damos graças pelo que ele faz. A criatura deixa de ser grata para ser ingrata. Deus criou a terra e a encheu de fartura. Deus deu ao homem vida, saúde, o pão, as estações e tudo o mais para o seu aprazimento. Mas a resposta do homem a todo esse bem é uma consciente e deliberada ingratidão.

Qual é a razão dessa rejeição consciente? Tudo começa na mente. Os homens se tornaram nulos em seus próprios raciocínios. O homem começou a pensar e tirou Deus como referência do seu pensamento. O homem começou a refletir e tirou Deus como fonte de todo o bem. O homem começou a criar as suas próprias hipóteses, e muitas filosofias foram inventadas. O homem tornou-se o centro e a medida de todas as coisas. Não havia mais espaço para Deus. O resultado é que nesse vazio de Deus o raciocínio do homem tornou-se nulo.

Em terceiro lugar, *comportamento inconsequente* (Rm 1.21,22). "... obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos". O que começa na mente vai para o coração. O raciocínio errado leva o coração às trevas. Quando o homem perde o conhecimento de Deus, perde a referência de santidade. Ele não sabe mais de onde vem nem para onde vai. Ele se torna totalmente louco, não compreendendo a si próprio ou mesmo o universo em que vive. É fatal confundir esclarecimento filosófico com iluminação espiritual, pois o efeito do pecado sobre a mente do homem é tornar sua suposta sabedoria em tolice.

Um raciocínio nulo gera um coração obscuro. Uma mente sem Deus produz uma vida de trevas. Banir Deus deliberadamente da vida desemboca no obscurantismo moral, na loucura mais consumada. Essa é a situação hedionda em que os homens se meteram. Eles achavam que deixar Deus de fora seria um ato de sabedoria, mas Paulo diz que essa é a mais consumada loucura. Tal obscurantismo indica embotamento mental, desespero emocional e depravação espiritual.

Essa é a divina estimativa dos mais orgulhosos filósofos da Grécia e de Roma e de toda a blasonada sabedoria do Eufrates e do Nilo. Ainda hoje a mais obtusa infidelidade pode coincidir

com a mais deslavada presunção. O moderno sábio adora-se a si mesmo.

Em quarto lugar, *idolatria irreverente* (Rm 1.23). "... e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis". Aquilo que começou na mente e desceu ao coração deságua na religião. A pretensa sabedoria do homem de rejeitar o conhecimento de Deus e mudar a glória do Deus incorruptível em imagens de homens, aves, quadrúpedes e répteis é a mais tosca loucura e o nível mais baixo da degradação espiritual. Em seu pensamento reduzem Deus a duas pernas, depois a quatro patas e finalmente a rastejar sobre o ventre. E em todo o tempo eles se dizem sábios.

Partindo da adoração do Deus vivo e verdadeiro, gradualmente desceu a humanidade à idolatria e ao fetichismo. Se o homem não adora ao Deus verdadeiro, adorará um deus falso, mesmo que ele próprio tenha de confeccioná-lo. A mente do homem nunca é um vácuo religioso; se houver a ausência do que é verdadeiro, sempre haverá a presença do que é falso. A razão divorciada da fonte de luz conduziu os homens a um delírio de inutilidade.

Ainda hoje muitos religiosos alegam invocar seu deus por meio de imagens, afirmando que não se curvam à imagem em si. Arão fez um bezerro de ouro, mas não tinha a menor intenção de levar o povo a adorar a imagem. Ele disse: "Amanhã será festa *ao Senhor*" (Ex 32.5). O bezerro era simplesmente um auxílio à devoção, mas o julgamento de Deus a respeito foi muito diferente: "Em Horebe fizeram um bezerro e adoraram o ídolo fundido. E assim trocaram a glória de Deus pelo simulacro de um novilho que come erva" (Sl 106.19,20).

Aqueles que se recusam a render culto a Deus e não sentem prazer em prestar-lhe obediência são comumente os autores de teorias e crenças errôneas tão populares quanto vazias e absurdas.

Paulo está fazendo uma descrição dos muitos deuses egípcios, bem como do panteão de deuses gregos e romanos. No berço onde nasceu a filosofia, o povo estava mergulhado no obscurantismo. O apogeu da filosofia grega não passava de um tempo de ignorância (At 17.30). A idolatria é uma rebelião contra Deus. Substituir o Deus incorruptível por criaturas corruptíveis e prostrar-se diante das obras das suas próprias mãos é perverter o culto divino e desonrar o Senhor. A hediondez da idolatria pode ser notada não apenas na imoralidade que engendra, mas também no fato de que caricatura e falseia a Deus.

A retribuição

Da idolatria para a imoralidade é um passo. A história do mundo confirma que a tendência da idolatria é acabar em imoralidade. Uma falsa imagem de Deus leva a um falso conceito quanto ao sexo.

A perversão da vida surge da perversão da fé. Se a raiz do pecado do homem é a perversidade religiosa, o fruto é a corrupção moral. Arrancado de Deus, da fonte da sua vida e felicidade, o homem procura a satisfação na criatura. A rebelião contra Deus criou um vácuo na natureza humana. Todos os desejos e excessos do comportamento humano são tentativas malogradas de satisfazer àquele doloroso vazio que o mundo nunca poderá preencher. O homem, como resultado do seu afastamento de Deus, está condenado a um anelo insaciável.

Paulo menciona três vezes o abandono de Deus às consequências do comportamento dos homens (Rm 1.24a, 26-27a e 28b-31), e três vezes a miséria daí resultante (Rm 1.24b, 27b e 32). Nessa descrição, a exposição da culpa se torna passo a passo mais breve, e suas consequências, sempre mais detalhadas, até que se derrama diante de nós praticamente um dilúvio de vícios, fazendo estourar toda a podridão interna da sociedade humana.

A penalidade infligida pertence à esfera moral, distinta da esfera religiosa – a degeneração religiosa é penalizada mediante a entrega à imoralidade; o pecado cometido no terreno religioso é castigado pelo pecado na esfera moral.

Algumas verdades solenes devem ser aqui destacadas:

Em primeiro lugar, *o juízo de Deus é tanto temporal como eterno* (Rm 1.24, 26 e 28). Enganam-se aqueles que pensam que o Deus do juízo está dormindo, inativo ou indiferente ao que está acontecendo no mundo. O estado de degradação em que a sociedade se encontra já é uma retribuição divina, uma manifestação temporal do seu juízo.

Embora o derramamento de sua ira, em toda sua plenitude, seja um problema do futuro, o impenitente experimenta uma prelibação ainda aqui e agora. Deus finalmente o abandona, permitindo-lhe perecer em sua própria impiedade.

No dia do juízo a sentença eterna de Deus será apenas esta: "Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo..." (Ap 22.11). A penalidade eterna do homem será experimentar eternamente os resultados de seu abominável pecado.

Deus não é um espectador que tão-somente grava na memória os pecados do homem para recuperá-los no juízo final. Ao contrário, sua ira interior já hoje se torna resistência ativa. A misericórdia não-correspondida produz ira. A paciência divina sem resposta favorável da parte do homem resulta no derramamento da indignação divina.

Em segundo lugar, *o juízo mais severo de Deus é dar ao homem o que ele quer* (Rm 1.24, 26 e 28). Não há castigo maior para o homem do que Deus o entregar a si mesmo. Deus pergunta: "É isso que você quer? Seja feita a sua vontade". Esse é o maior juízo de Deus, entregar o homem a si mesmo, à sua própria vontade. Os

homens que tanto amam o esgoto do pecado são enviados para lá; o que querem, eles terão.

Deus entrega esses "filhos da ira" (Ef 2.3) desprotegidamente a si próprios, a saber, às concupiscências de seus corações (Rm 1.24), às paixões infames (Rm 1.26), a uma disposição mental reprovável (Rm 1.28), ou seja, à maneira que eles próprios escolheram para viver. Em outras palavras, Deus os entrega à sensualidade (Rm 1.24,25), à perversão sexual (Rm 1.26,27) e à vida antissocial (Rm 1.28-32). Assim, os perdidos gozam para sempre da horrível liberdade que sempre pediram; porém, essa liberdade é a mais perturbadora escravidão.

A graça restringente de Deus age no mundo, apesar da rebeldia do homem, e assim impede que a sociedade se chafurde no abismo do pecado e se transforme num inferno existencial. Os juízos dentro da história ainda não são juízos totais. Eles são aplicados como que com freios acionados, mesclados com uma profusão de paciência e longanimidade (Rm 2.4). Porém, quando o homem se mostra resistente à graça e obcecado para lambuzar-se no pecado, Deus então o entrega.

A humanidade é como um caminhão ladeira abaixo. Deus está com o pé no freio, e o homem, com o pé no acelerador. Deus quer evitar a tragédia, e o homem acelera rumo ao abismo. Até o momento em que Deus tira o pé do breque, e esse caminhão avança desgovernado para uma terrível tragédia. O homem quer fugir de Deus, o seu dono. Por isso, Deus simplesmente tira a coleira. As pessoas escolheram abrir mão da verdade, e Deus abre mão delas.

O que acontece é que Deus tira a culpa. O homem consegue pecar sem que a consciência o acuse. Aí ele se gloria no pecado e aplaude o vício. As pessoas mergulham no pântano mais asqueroso

da imoralidade e se corrompem ao extremo sem nenhum constrangimento. Isso é o juízo de Deus.

Por que Deus não manda fogo e enxofre como fez com Sodoma e Gomorra? Pior é entregar o pecador ao fogo do seu coração, preparando-o para o fogo do juízo.

Em terceiro lugar, *a idolatria e a imoralidade são tanto a causa como a consequência do juízo divino* (Rm 1.24,25). Porque o homem desonrou a Deus, mudando a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis, Deus também entregou os homens para desonrar o seu corpo entre si.

Quando o homem se rebela e se afasta da sua referência primeira em Deus, do relacionamento apropriado com Deus, tudo se torna mentira. O ser humano não sabe quem é. Toda verdade é negada. Ele passa a questionar não apenas a existência de Deus, mas igualmente a sua própria existência. Quando as pessoas jogam fora o Deus da verdade, a verdade desaparece como um todo. E tudo o que resta são conjuntos de opiniões, deuses e prazeres pessoais.

A idolatria e a sensualidade sempre andaram juntas. Elas são tanto a causa da ira divina como a consequência do juízo divino. A humanidade colocou-se a si mesma no centro do universo. O resultado é que muitos de nós adoramos aquela criatura que melhor conhecemos – nós mesmos. Calvino está certo quando diz que não se pode honrar a criatura religiosamente sem desonrar perversa e impiamente a Deus, dando a outros a honra que só pertence a Deus.

Em quarto lugar, *o homossexualismo é o mais baixo nível de degradação moral e a maior expressão do juízo de Deus* (Rm 1.24-28). Paulo diz que Deus entregou tais homens à imundícia (Rm 1.24),

a paixões infames (Rm 1.26) e a uma disposição mental reprovável (Rm 1.28). Tanto a imundícia quanto as paixões infames, assim como a disposição mental reprovável, apontam para a imoralidade sexual, sobretudo o homossexualismo. Na sua ira Deus entrega aqueles que o tinham desonrado à desonra de seus próprios corpos. Deus entregou aqueles que tinham abandonado o autor da natureza a não guardar a ordem natural. Eles pecaram degradando a Deus, pelo que também Deus os degradou.

O que havia começado no raciocínio, passado pelo julgamento, se transformado em religião, agora desemboca num comportamento desregrado. A degeneração moral do mundo antigo é retratada nesse horrível catálogo de vícios sexuais que a religião pagã, ao invés de restringir, promovia ativamente. Hoje em dia, a existência destas perversões sexuais, que são complacentemente consideradas "variantes interessantes" pelas pessoas que se dizem evoluídas, é uma marca terrível da ira de Deus sobre uma civilização que se orgulha de seu caráter "pós-cristão".

Três pecados são aqui destacados pelo apóstolo Paulo:

O lesbianismo (Rm 1.26). A relação sexual entre mulheres já era uma prática comum nos dias de Paulo, mas não com tanta publicidade como existe hoje. Deus tirou o pé do breque. Deus entregou essas pessoas a paixões infames, e as mulheres se entregaram ao lesbianismo. Quando Paulo diz "até as suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza", ele está enfatizando o grau superlativo da degradação. As mulheres sempre foram guardiãs da moralidade. Quando até as mulheres se corrompem, a cultura já chegou ao fundo do poço.

O homossexualismo (Rm 1.24,27). Quando o homem desprezou o conhecimento de Deus e perverteu o culto divino, ele perdeu sua própria identidade. O homossexualismo é uma negação total

do mundo real. Ele nega qualquer possibilidade de continuidade e ameaça a identidade da pessoa como fruto do relacionamento de um pai e uma mãe. Não podemos concordar com a bandeira da homofobia, quando os ativistas desse movimento afirmam que o homossexualismo é uma opção normal e que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é uma união de amor que deve ser chancelada pela lei de Deus e dos homens. Ao descrever o homossexualismo, Paulo aponta sete características desse pecado abominável: 1) imundícia (Rm 1.24); 2) desonra para o corpo (Rm 1.24); 3) paixão infame (Rm 1.26); 4) antinatural (Rm 1.26); 5) contrário à natureza (Rm 1.26); 6) torpeza (Rm 1.28); 7) erro (Rm 1.28).

A disposição mental reprovável (Rm 1.28-31). O homem é o que ele pensa. Porque ele é entregue a uma disposição mental reprovável para praticar coisas inconvenientes, a prática se segue. Aí Paulo faz uma lista de 21 itens, num diagnóstico sombrio da realidade que nos cerca. A decadência moral atinge todos os relacionamentos: com Deus, consigo, com o próximo e com a família. Esta é a mais longa lista de pecados encontrada nas epístolas de Paulo (Rm 1.29-31). William Barclay nos ajuda a compreender o sentido dessas palavras:

Injustiça – A palavra grega *adikia* significa roubar os direitos tanto dos homens como de Deus.

Malícia – A palavra grega *poneria* fala de uma maldade sedutora, maligna. Trata-se da pessoa que não apenas é má, mas procura arrastar os outros para a sua maldade.

Avareza – A palavra grega *pleonexia* é o desejo desenfreado que não conhece limites nem leis. O desejo insaciável de ter o que lhe pertence por direito. É amor insaciável às possessões e aos prazeres ilícitos.

Maldade – A palavra grega *kakia* descreve o homem desprovido de todo bem. Trata-se da pessoa que tem inclinação para o pior. É o vício essencial que inclui todos os outros, e de onde todos os outros procedem.

Inveja – A palavra grega *fthonos* descreve o terrível sentimento de desconforto com o sucesso dos outros, não só desejando o que lhes pertence, mas também alegrando-se com as tragédias do outro.

Homicídio – A palavra grega *fonos* fala do desejo, intenção ou atitude de ferir o outro para tirar-lhe a vida. O assassino é também aquele que odeia a seu irmão (1Jo 3.15). O homem pode ver a ação, mas Deus conhece a intenção.

Contenda – A palavra grega *eris* fala do sentimento e atitude daquela pessoa que é dominada pela inveja e por isso se torna facciosa e briguenta.

Dolo – A palavra grega *dolos* retrata a pessoa que não age de maneira reta, usando sempre métodos tortuosos e clandestinos para tirar alguma vantagem. A palavra vem do verbo *doloun,* usado para referir-se à falsificação de metais preciosos e à adulteração de vinhos.

Malignidade – A palavra grega *kakoetheia* retrata aquela pessoa que sempre supõe o pior acerca dos outros. É a pessoa que sempre vê as coisas pelo seu lado mais sombrio.

Difamadores e *caluniadores* – Das palavras gregas *psithyristes* e *katalalos.* O caluniador (*katalalos*) é a pessoa que proclama publicamente as suas infâmias, ao passo que o difamador (*psithyristes*) é aquele que murmura suas histórias maliciosas de ouvido a ouvido.

Aborrecidos de Deus – A palavra grega *theostygeis* retrata o homem que odeia a Deus, porque sabe que ele é estorvo no seu caminho de licenciosidade. De bom grado eliminaria Deus se

pudesse, pois para ele o mundo sem Deus abriria o caminho para o pecado.

Insolentes – A palavra grega *hybristes* retrata o homem altivo, soberbo, sadicamente cruel, que encontra prazer em prejudicar o próximo.

Soberbos – A palavra grega *hyperefanos* descreve o homem que está cheio de si mesmo como um balão de vento. Este é o ponto culminante de todos os pecados. Trata-se da pessoa que despreza a todos, exceto a si mesma, e tem prazer em rebaixar e humilhar os outros.

Presunçosos – A palavra grega *alazon* descreve o homem que pensa de si mesmo além do que convém e exalta-se acima da medida. É a pessoa que pretende ter o que não tem, saber o que não sabe, e jacta-se de grandes negócios que só existem em sua imaginação.

Inventores de males – As palavras gregas *efeuretes kakon* retratam aquelas pessoas que buscam novas formas de pecar, novos recônditos nos vícios, porque estão enfastiadas e procuram sempre novas emoções em alguma forma diferente de transgressão.

Desobedientes aos pais – As palavras gregas *goneusin apeitheis* descrevem aquela atitude dos filhos de sacudir o jugo da obediência aos pais. Tratam-se de filhos rebeldes e irreverentes.

Insensatos – A palavra grega *asynetos* descreve o homem que é incapaz de aprender as lições da experiência. Trata-se da pessoa culpada de grande sandice, que se recusa a usar a mente e o cérebro que Deus lhe deu.

Pérfidos – A palavra grega *asynthetos* descreve o homem que não é confiável. É a pessoa desonesta, em quem não se pode confiar.

Sem afeição natural – A palavra grega *astorgos* significa sem amor à família. Trata do desamor dos pais aos filhos e dos filhos aos pais. É a falta de afeto entre irmãos de sangue. A prática abusiva de

abortos e os crimes familiares apontam para a gravidade desse pecado hoje em dia.

Sem misericórdia – A palavra grega *aneleemon* descreve a pessoa implacável, sem piedade, que fere e mata o outro sem compaixão.[9]

Depois de descrever com cores fortes o estado de decadência da sociedade, Paulo faz duas afirmações ainda mais chocantes:

A primeira delas é que os homens pecam conscientemente (Rm 1.32). "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem...". As pessoas fazem sabendo que estão fazendo errado. Elas sufocam a verdade, abafam a voz da consciência, apagam a luz vermelha do alarme, mas no íntimo sabem que aquilo que praticam é um ato de rebeldia contra Deus, passível de morte. O conhecimento do justo juízo de Deus não cria, porém, qualquer ódio contra o pecado nem fomenta qualquer disposição para os homens se arrependerem do pecado.

A segunda é que os homens aplaudem os que praticam as mesmas coisas condenáveis (Rm 1.32b). "... mas também aprovam os que assim procedem". Aqui a sociedade se mostra jactanciosa e até entusiasmada pelo pecado. O nível mais baixo da degradação moral de uma sociedade é quando ela não apenas pratica o mal, mas também o incentiva e o aplaude. Esse é o clímax da perversidade. É isso que vemos todos os dias na televisão e nos outros meios de comunicação.

O homem que aplaude ou encoraja os que praticam algo vergonhoso, embora não o praticando ele mesmo, não só é tão depravado como os que o praticam, mas muitas vezes, se não sempre, ainda mais depravado. Pois os que aplaudem e encorajam as ações perversas de outros contribuem deliberadamente para o

---

[9] BARCLAY, William. *Romanos.* Editora La Aurora. Buenos Aires. 1973: p. 45-51.

estabelecimento de opinião pública favorável ao vício e, com isso, promovem a corrupção de multidão inumerável.

A pior condição é aquela em que, juntamente com a prática, há também o apoio e o encorajamento de outros na prática do mal. Dizendo-o sem rodeios, inclinamo-nos não somente a condenar a nós mesmos, mas também nos congratulamos com os outros por fazerem coisas que sabemos que resultam em condenação. Odiamos os outros tanto quanto a nós mesmos e, portanto, aprovamos neles o que sabiamente merece apenas condenação.



AGRAPHAI

EM BRANCO

CAPÍTULO 4

Uma sociedade atormentada pela violência

A VIOLÊNCIA É A MANCHETE mais presente nos jornais da atualidade. Nossas cidades estão se tornando arenas de morte, campos de sangue. Os grandes centros urbanos estão se desumanizando. O maior medo do povo brasileiro é a violência. Temos medo de sair de casa. Medo de andar na rua. Medo de assalto e de arrombamento.

A vida humana está perdendo o valor. Pessoas são assassinadas por motivos fúteis. Pistoleiros de aluguel eliminam vidas sem qualquer remorso. Grupos de extermínio matam pessoas ao arrepio da lei e ainda se escondem atrás de justificativas aparentemente plausíveis.

O narcotráfico ceifa milhares de pessoas todos os anos, seduzindo incautos ao vício mortal e matando sem compaixão aqueles que tentam escapar de suas garras. O alcoolismo, o maior ladrão de cérebros de todos os tempos, está por trás da metade dos crimes passionais e dos acidentes de trânsito.

A violência está presente nos tribunais. O direito do inocente é negado, e a causa dos ricos e opulentos prospera. Tribunais são corrompidos, sentenças são compradas, e a justiça é torcida. Essa violência que se esconde atrás de togas sacrossantas tira o pão da boca dos famintos e priva os inocentes de seus direitos sagrados. A violência dos tribunais mata não com armas, mas com a sonegação da justiça.

A família, refúgio sagrado do homem, está se transformando num campo de guerra. Os inimigos do homem são os da sua própria casa. Irmãos fazem guerra contra irmãos. Pais se levantam contra os filhos, e filhos se voltam contra os pais. Crimes hediondos se multiplicam dentro das famílias. O lar é hoje o quinto lugar mais perigoso. A violência está instalada naquele que deveria ser o lugar de sua maior resistência.

A violência não é coisa da modernidade. Ela está presente na raça humana desde seus primórdios. O primeiro crime de sangue aconteceu dentro da família, quando Caim matou seu irmão Abel. Desde então, a violência está presente em todos os lugares. O homem é um ser beligerante. O homem é o lobo do próprio homem. A educação não arranca de seu peito esse pendor. A riqueza não apaga em sua alma essa chama crepitante.

Há 2.600 anos, Habacuque, um profeta hebreu, fez uma radiografia da cidade de Jerusalém e traçou um diagnóstico medonho da violência. O diagnóstico do profeta hierosolimitano não poderia ser mais atual nem mais sombrio. Vale a pena ler Habacuque 1.2-4. Aqui está o retrato medonho duma sociedade decadente. Aqui está a maquete das nossas próprias cidades cheias de violência. Vejamos o relato do profeta.

Em primeiro lugar, *uma sociedade decadente é saturada de violência* (Hc 1.2). A palavra "violência" é usada aqui para sumariar

o tipo de mundo que o profeta estava observando. A violência em Judá estava presente no palácio, nas coortes, nos mercados e nas ruas. A violência tinha se infiltrado em todos os segmentos da sociedade. Ela havia fermentado toda a massa e envenenado de tal forma a nação que o juízo de Deus não podia mais ser retardado ou suspenso. Por causa de sua violência, Jerusalém foi entregue à violência. A Babilônia invadiu a cidade, quebrou seus muros, incendiou seu templo e matou à espada seus habitantes, deportando tantos outros. Aqueles que semearam o mal viram esse mesmo mal caindo sobre suas próprias cabeças. Aqueles que construíram a cidade com sangue perderam todos os investimentos. Aqueles que espalharam o fluxo da violência foram arrasados pelo refluxo da mesma violência. Na verdade, quem semeia ventos colhe tempestade.

Ainda hoje a violência cresce. Estamos vivendo numa sociedade sem Deus, sem princípios absolutos, sem parâmetros de justiça. Aqueles que fazem as leis e têm autoridade e poder para aplicá-las e fiscalizá-las, muitas vezes, se imiscuem em esquemas criminosos para pisar essas mesmas leis, agindo com truculência e maldade contra os inocentes.

Homens perversos e sanguinários agem ao arrepio da lei, desafiando o Estado de direito, semeando terror e insegurança. Os cartéis do narcotráfico se fortalecem e já são, hoje, um poder paralelo, promovendo e estimulando o vício, espalhando o crime e matando aqueles que se levantam para lhes resistir.

Nossas cidades estão se transformando em campos de sangue, em trincheiras de guerra, em arenas onde bestas feras matam inocentes sem piedade e por razões fúteis. Os homens de bem estão vivendo acuados, trancados dentro de casa com fortes cadeados, enquanto os bandidos vivem às soltas espalhando ameaça e terror.

Os delinquentes, mancomunados com aqueles que vendem sua consciência por dinheiro, conseguem comandar o crime organizado de dentro dos presídios. As autoridades sentem-se impotentes, e a população, insegura. A mensagem de Habacuque é um mapa da situação contemporânea. O profeta Habacuque parece ser o principal articulista das páginas policiais dos nossos maiores jornais. Habacuque está vivo. Ele está nas ruas, e sua voz ainda ecoa!

Em segundo lugar, *uma sociedade decadente é dominada pela iniquidade, e não pela virtude* (Hc 1.3). O que estava perturbando o profeta não era tanto a presença do mal, mas a sua procedência. A violência, a iniquidade, a opressão, a destruição, a contenda e o litígio procediam do próprio povo de Deus. Usualmente os inimigos externos eram a fonte das tragédias do povo de Deus, mas neste caso a fonte dos problemas era interna, ou seja, a corrupção moral e espiritual do próprio povo de Deus. O que deixou o profeta estupefato foi que a iniquidade estava florescendo no meio do povo cuja vocação era a santidade (Nm 23.21). A prática da iniquidade era inconsistente com os privilégios desse povo separado por Deus para ser luz para as nações.

Habacuque olha para sua nação e vê a iniquidade prevalecendo. A virtude foi desprezada, a verdade foi pisada nas ruas, a piedade ficou esquecida, e o povo caminhava célere para a destruição. O pecado é o opróbrio das nações. Uma nação nunca é forte se está entregue à iniquidade. O homem é apanhado pelas próprias cordas do seu pecado. O que derruba uma nação não é tanto o inimigo externo, mas a corrupção interna. Os historiadores dizem que o Império Romano só caiu nas mãos dos bárbaros porque já estava podre por dentro. Jerusalém não caiu nas mãos dos caldeus, ela foi entregue (Dn 1.1,2). Segundo Billy Graham: "Nenhuma grande

nação jamais foi vencida, até se haver destruído a si própria".

Nos dias de hoje, como nos dias de Habacuque, grandes problemas de injustiça podem ser encontrados entre o povo de Deus. Não raro, a igreja confronta os pecados daqueles que estão fora dela com rigor, enquanto tolera em seu meio aquilo que é explicitamente ofensivo à santidade de Deus e contrário às Escrituras. A falta de confrontação do mal dentro da própria igreja tacitamente dá permissão aos transgressores para continuarem na prática do seu pecado (1Co 5.1-13).

A violência, a opressão e a iniquidade de Judá eram piores do que esses males presentes entre os caldeus, visto que eles eram o povo escolhido de Deus. Eles eram o povo do pacto. A eles fora confiada a boa palavra de Deus. Eles receberam a lei de Deus. Ouviram os profetas de Deus. Mas, a despeito de tantos sinais da bondade de Deus, eles endureceram a cerviz, obstinadamente taparam os ouvidos à voz do Senhor e, por isso, marcharam céleres e resolutos para a morte.

As grandes nações da nossa época estão também marcadas por profunda decadência moral, espiritual e legal. A justiça é exigida com rigor dos pobres e indefesos, mas torcida pelos poderosos a seu favor.

Em terceiro lugar, *uma sociedade decadente é marcada pelo domínio opressor dos fortes sobre os fracos* (Hc 1.3). Habacuque viu a opressão prevalecer em Judá. Ele disse: "Por que... me fazes ver a opressão?" (Hc 1.3). Opressão é o domínio truculento do forte sobre o fraco. É fruto de um sistema corrompido no qual as forças do mal se juntam para roubar do pobre, para espoliar o fraco, negando-lhe o direito e amordaçando-lhe a voz.

A iniquidade e a opressão que campeavam em Judá não eram apenas grandes, mas também públicas. Esses males não estavam medrando atrás dos bastidores, mas desfilando nas ruas. A doença

maligna e mortal já tinha vindo à tona. Os vícios mais degradantes já não eram mais praticados às escondidas. O povo tinha perdido o pudor. Todas essas coisas horrendas estavam diante dos olhos do profeta.

Em quarto lugar, *uma sociedade decadente é onde estão presentes os sinais visíveis de destruição* (Hc 1.3). O profeta prossegue: "Pois a destruição e a violência estão diante de mim..." (Hc 1.3). A destruição dos valores, dos marcos, dos absolutos e dos princípios que regem a família, a igreja e a sociedade desemboca inevitavelmente em desastre. O caos da sociedade é resultado do abandono da lei de Deus. A destruição da cidade de Jerusalém foi uma colheita triste de uma semeadura maldita feita à revelia da vontade divina. O povo tapou os ouvidos à voz de Deus. Sacudiu o jugo do Todo-poderoso para prostrar-se diante dos ídolos mudos. Abandonou a palavra de Deus para dar guarida aos profetas que lhe anunciavam paz, paz no meio da tragédia. Deixou a prática da justiça para entregar-se a toda sorte de violência e opressão, burlando as leis, corrompendo os tribunais, comprando os juízes corruptos para esmagarem o pobre, espoliando seus bens.

A violência e a iniquidade pareciam continuar sem nenhum freio. A maré do pecado estava inundando a cidade e provocando grandes desastres e tragédias. Os sinais da morte estavam presentes, mas o povo fazia questão de não dar atenção a eles. O juízo de Deus estava chegando, mas o povo deliberadamente o ignorava. A safra maldita de seus pecados estava madura para ser colhida, mas a nação dormia o sono da morte, não se apercebendo do perigo iminente.

Em quinto lugar, *uma sociedade decadente é marcada por relacionamentos quebrados* (Hc 1.3). Habacuque diagnostica dois graves problemas na área dos relacionamentos no meio do seu povo:

Havia contendas entre as pessoas (Hc 1.3). O profeta diz: "... há contendas..." (Hc 1.3). Contenda é uma tensão relacional. É uma relação quebrada pela desavença. É uma disputa sem acordo. É um interesse egoísta que busca prevalecer sempre. É uma indisposição absoluta de caminhar na direção da reconciliação. Contenda é a incapacidade de olhar para a vida na perspectiva do outro, de pensar no bem do outro, de enxergar o seu direito e de perdoá-lo.

Havia litígio entre as pessoas (Hc 1.3). Habacuque conclui: "... e o litígio se suscita" (Hc 1.3). A sociedade judaica estava dividida por várias facções, e esses diferentes grupos devoravam uns aos outros. Esses litígios provocavam distúrbios na sociedade, enfraqueciam a família e minavam a vida doméstica, política e religiosa da nação. As brigas não apenas brotavam entre o povo, mas eram também levadas aos tribunais. Eles não só suscitavam as contendas, mas não encontravam caminho de solução senão perante os magistrados. O clima entre as pessoas era de guerra, de competição draconiana. Nesses litígios, os fortes sempre prevaleciam sobre os fracos; os ricos sempre recebiam sentenças favoráveis sobre os pobres.

Em sexto lugar, *uma sociedade decadente é onde a impunidade prevalece* (Hc 1.4a). Habacuque diz: "Por esta causa a lei se afrouxa..." (Hc 1.4). A palavra lei aqui é *a torah,* ou seja, a lei revelada em toda a sua substância, que tinha o propósito de ser a alma e o coração de toda a vida política, religiosa e doméstica. A. R. Crabtree, por sua vez, entende que Habacuque não está falando aqui simplesmente da lei no sentido da revelação divina, mas da lei orgânica ou estatutária, baseada no Pentateuco e administrada pelos anciãos ou juízes. Essa lei já não tinha mais autoridade nem respeito em Judá. Estava paralisada e ineficaz, não produzindo

nenhum resultado positivo. A lei tinha sofrido um golpe de nocaute, e a iniquidade era o vitorioso incontestável. É conhecido que David Baker afirma que o resultado dessas injustiças sem fim é que a lei (a principal força que devia tê-los sob controle) se afrouxa. A lei deveria ser o alicerce da ordem divina para a sociedade (Ex 18.16,20; Is 2.3; Jr 32.23), mas estava sem vigor. Concordo com Isaltino Gomes Filho quando ele afirma que a palavra "lei", *torah* neste contexto, não trata da lei revelada. Esta não afrouxa nunca (Is 40.8). O termo está sendo aplicado à lei jurídica. Ela brota da lei revelada e por isso é chamada de *torah*.[10]

A lei não passava de uma mera peça de decoração a enfeitar o leito de uma sociedade em estado terminal. A lei existia, mas não era cumprida. A lei estabelecia limites, mas estes não eram respeitados. Os infratores tinham plena consciência de que seus crimes não seriam apanhados ou jamais seriam punidos exemplarmente. Onde a impunidade prevalece, a lei fica frouxa, e o povo amarga desilusão. Em Judá as pessoas más ganhavam, e as boas perdiam. Os juízes não mais tomavam decisões justas. A lei, que fornecia os ensinamentos morais, tinha sido abandonada. A nação de Judá tornou-se destituída de lei.

Em sétimo lugar, *uma sociedade decadente é marcada por um poder judiciário impotente ou corrompido* (Hc 1.4b). Habacuque diz: "... a justiça nunca se manifesta..." (Hc 1.4). A justiça nos tribunais era uma piada, porquanto o dinheiro, e não a justiça, determinava o resultado dos julgamentos e os decretos dos reis. A justiça não se manifestava por duas razões: por fraqueza dos magistrados ou por conivência deles com os esquemas de opressão.

---

[10] Gomes Coelho Filho, Isaltino. *Habacuque: Nosso Contemporâneo.* Juerp. Rio de Janeiro, RJ. 1900: p.23.

Naquele tempo Judá estava sendo governada por homens maus. A liderança da nação estava rendida aos crimes mais execrados. Quando a liderança se corrompe, o povo geme.

Os problemas de Judá eram causados por líderes que não obedeciam à lei. Os ricos exploravam os pobres e escapavam do castigo subornando os oficiais. A lei era ignorada ou distorcida, e ninguém parecia se importar. Os tribunais eram corruptos, os oficiais só se interessavam em ganhar dinheiro, e a admoestação de Êxodo 23.6-8 era completamente desconsiderada.

A certeza da impunidade é um poderoso estímulo para o transgressor. É esta a razão moral pela qual o crime deve ser punido. Além de ser transgressão, é estímulo. E é por esta razão que um cristão não se compactua com o mal. Ser conivente é estimular o erro. Isaltino Gomes Filho diz: "A justiça nunca se manifesta"; esta é a consequência da impunidade e da corrupção.

Russell Champlin diz que não havia mais verdade objetiva e final em Judá. O pragmatismo e o utilitarismo prevaleciam. Os injustos eram peritos no seu poder de enganar e roubar os justos e inocentes. Os judeus da época tinham se tornado ateus práticos (Tt 1.16). Provavelmente professavam crença em Deus, mas viviam em consonância com seus interesses próprios, que eram o seu deus real.[11]

Em oitavo lugar, *uma sociedade decadente é onde se vê uma inversão total dos valores* (Hc 1.4). Habacuque prossegue no seu diagnóstico da decadente sociedade judaica e diz: "... porque o perverso cerca o justo..." (Hc 1.4). O justo estava nas mãos dos bandidos e nada podia fazer para livrar-se dessa situação opressora.

---

[11] CHAMPLIN, Russel Norman, *O Antigo Testamento Interpretado versículo por versículo - vol.5.* Editora Hagnos. São Paulo, SP. 2001: p. 3615,3616.

Havia um esquema criminoso em pleno curso sob a omissão de uns e a aprovação de outros para saquear o direito do justo, para oprimir o fraco e explorar o necessitado. Não havia a quem recorrer. Os poderes constituídos estavam infiltrados pelo mal e blindados contra toda sorte de resistência dos justos.

Charles Feinberg, analisando esse texto, diz que, por força de juízes injustos, a lei era desprezada. Visto que as formas de julgamento estavam corrompidas, tanto a vida como a propriedade não tinham segurança. A justiça não podia prevalecer porque os maus sabiam como cercar o justo por todos os lados, de sorte que não pudesse receber o que lhe era devido. O erro judicial era a ordem do dia. Mediante processos fraudulentos, os ímpios enganavam o justo, pervertendo todo direito e toda honestidade. Considerando que Deus não punia o pecado de imediato, os homens pensavam que poderiam continuar nele impunemente (Ec 8.11). A corrupção da justiça é o caos em qualquer nação. É o mergulho na desordem total e o ponto final nas esperanças dos pobres.

Em nono lugar, *uma sociedade decadente é onde os tribunais estão mancomunados com os criminosos para roubar o direito dos justos* (Hc 1.4). Habacuque termina sua análise dizendo: "... a justiça é torcida" (Hc 1.4). As decisões eram contrárias ao direito. Notem que a justiça não era torta; ela era torcida. E se era torcida, era torcida por alguém. Os juízes estavam de mãos dadas com os poderosos para oprimir os fracos. Esse foi o pecado que levou o Reino do Norte ao colapso. Judá não aprendeu a lição, por isso estava cometendo o mesmo erro fatal e enfrentaria o mesmo destino amargo.

CAPÍTULO 5

Uma sociedade atormentada pelos efeitos do aquecimento global

O HOMEM FOI CRIADO por Deus e constituído por ele como mordomo da natureza (Gn 1.28). A Terra é o planeta da vida. Aqui é o nosso chão, a nossa casa, o nosso habitat. A Terra é o lugar adequado para a vida. Ela tem tamanho adequado para a preservação da vida. Está na distância exata do Sol, nem mais perto nem mais longe. Se a Terra estivesse mais perto do Sol, morreríamos queimados; se ela estivesse mais longe, morreríamos congelados. A inclinação do seu eixo em 23 graus é a única posição segura para a preservação da vida. A Lua, responsável pelas marés dos oceanos, é a faxineira da Terra. Sem o trabalho da Lua, a vida seria impossível em nosso planeta. Essas coisas não são assim por acaso. O universo não surgiu por geração espontânea. O universo não pariu a si mesmo. O nada vezes ninguém não pode ser igual a tudo.

Sabemos que o universo é composto de massa e energia. Também sabemos que ele é governado por leis. A ciência prova que massa e energia não criam leis, nem as leis criam a si mesmas. Então,

alguém fora do universo criou essas leis. O universo foi planejado e criado. A realidade de um relógio nos faz pensar que existiu um relojoeiro. Quando vemos uma casa, pensamos que houve um arquiteto e um construtor. Quando vemos um terno bonito, pensamos que houve um alfaiate. Quando olhamos para o universo com sua complexidade, imaginamos que houve um criador.

O universo não é resultado de uma explosão cósmica. A teoria do *big bang* carece de provas. A desordem não produz ordem. O caos não gera o cosmo. Seria mais fácil crer que um bilhão de letras lançadas ao ar cairiam na forma de enciclopédia.

Deus criou todas as coisas. Ele chamou à existência as coisas que não existiam. Ele criou o homem à sua imagem e semelhança e lhe colocou nas mãos a batuta de regente dessa magnífica orquestra que é o universo. Deus constituiu o homem gerente da criação. Em vez do homem, porém, ser o gestor da natureza, tornou-se adorador dela, adorando a criatura em lugar do criador. Muitos partem para outro extremo, tornando-se predadores da natureza, agindo de forma irresponsável. A natureza está em agonia. Ela geme com dores de parto aguardando o dia da redenção do seu cativeiro (Rm 8.19-22).

É nesse contexto que vamos abordar o tema do aquecimento global. Este é um assunto controverso e polêmico. Não há consenso entre os especialistas. A locução *aquecimento global* refere-se ao aumento da temperatura média dos oceanos e do ar perto da superfície da Terra que se tem verificado nas décadas mais recentes e à possibilidade da sua continuação durante o corrente século. Suas causas podem ser tanto naturais quanto provocadas pelo próprio homem.

O aquecimento global é hoje, segundo alguns estudiosos, uma das maiores ameaças à vida, um fenômeno climático de grande

proporção, que está causando o aumento da temperatura média da superfície da Terra nos últimos 150 anos.

Ondas de calor inéditas. Furacões avassaladores. Secas intermináveis onde antes havia água em abundância. Enchentes devastadoras. Extinção de milhares de espécies de animais e plantas. Incêndios florestais. Derretimento dos polos. E toda a sorte de desastres naturais que fogem ao controle humano.

Tivemos no Rio de Janeiro, Brasil, a ECO 92, na qual líderes de mais de cem países e trinta mil participantes discutiram que tipo de planeta nós vamos legar à futura geração. Em 2002 em Johanesburgo, na África do Sul, mais de cem chefes de Estado e sessenta mil delegados se reuniram para discutir os avanços tomados no Rio de Janeiro. Em 2005 houve o protocolo de Kyoto.

Há praticamente um consenso da classe científica acerca da realidade e dos perigos do aquecimento global. Mas há grandes impérios econômicos da área de petróleo e de indústrias altamente poluidoras que semeiam a dúvida acerca desse tema do momento. Al Gore, em seu livro *Uma verdade inconveniente,* diz que em 2001, o presidente George W. Bush nomeou Philip Cooney, um advogado e lobista da American Petroleum Institute, sem nenhuma credencial científica, para cuidar da política ambiental da Casa Branca. Em 2005, um memorando reconhecendo os perigos do aquecimento global vazou para o *New York Times* por um funcionário anônimo, e ele, constrangido, precisou pedir demissão e foi imediatamente trabalhar na Exxon Mobil, outra empresa na área de petróleo.

As causas do aquecimento global

Várias são as causas do aquecimento global:

Em primeiro lugar, *a explosão populacional.* A história do crescimento da população do mundo é dividida em quatro estágios:

1) Pré-moderno: subsistiu até o fim do século 18. 2) Urbanização e industrialização: até meados do século passado, quando aconteceu a explosão populacional. 3) Industrialização madura: começou no fim do século passado. 4) Pós-industrial: final do século 20 e começo do século 21.

O primeiro bilhão de habitantes foi atingido no ano de 1800. O segundo, em 1930. O terceiro, em 1960. O quarto, em 1974. O quinto, em 1987. O sexto, em 1998. Daí a explosão populacional, registrando um aumento de um bilhão de pessoas em pouco mais de uma década. O aumento populacional ocorre principalmente em países em desenvolvimento, onde se concentra a maior parte da pobreza do mundo. E principalmente nas cidades. O rápido crescimento populacional amplia a demanda por alimentos, água, energia e por todos os nossos recursos naturais.

O êxodo rural inchou as grandes cidades, como Cidade do México e São Paulo. Os automóveis, fábricas e indústrias despejam toneladas de dióxido de carbono na atmosfera. Estamos destruindo o nosso ecossistema. Estamos poluindo o ar que respiramos.

Em segundo lugar, *o desmatamento e as queimadas.* Todo ano, cerca de quatro a cinco milhões de hectares são completamente devastados pelo desmatamento. Cerca de dois mil quilômetros quadrados por ano se transformam em deserto devido à falta de chuvas. O desmatamento predatório e sem planejamento está destruindo nossas fontes, nossa fauna e nossa flora. O desmatamento sem planejamento está acelerando o processo de desertificação em muitos lugares. Os raios do Sol atingem o solo e irradiam calor na atmosfera. Como esta camada de poluentes dificulta a dispersão do calor, o resultado é o aumento da temperatura global. As queimadas são um dos principais fatores de liberação de dióxido de carbono na natureza, causa principal do chamado efeito estufa.

Quase 30% do dióxido de carbono lançado na atmosfera a cada ano resulta da queima das matas. Os incêndios florestais estão se tornando comuns.

Em terceiro lugar, *a morte dos rios e fontes.* Quando desviamos uma quantidade muito grande de água, sem respeitar a natureza, por vezes os rios não chegam mais até o mar. Al Gore fala da ex-URSS, que desviou a água de dois poderosos rios na Ásia Central que alimentavam o Mar de Aral (o Amu Darya e o Syr Darya). Ambos eram usados para irrigar plantações de algodão. O Mar de Aral praticamente desapareceu por completo. Os grandes rios estão diminuindo de tamanho.

Os rios estão morrendo. Os córregos estão secando, e as fontes, desaparecendo. Isso em virtude do desmatamento generalizado, sobretudo nas cabeceiras dos rios, córregos e fontes. Há quase unanimidade no meio científico de que a maior crise do século 21 não será de petróleo nem de energia, mas de água potável. Há muitos rios mortos pela poluição. Rios que são esgotos abertos. Rios que transportam morte, e não vida. Muitas pessoas jogam lixo nas águas dos rios. Despejam esgoto, pesticidas, metais pesados (mercúrio, cromo e chumbo), detergentes. As indústrias descarregam detritos e lixos tóxicos. Muitos rios estão agonizando. Um exemplo é o Tietê, que cruza a cidade de São Paulo. O rio está morto. Nele não transpiram os sinais da vida.

Em quarto lugar, *a emissão de dióxido de carbono.* As três fontes principais da emissão de dióxido de carbono na atmosfera são os carros movidos a combustíveis fósseis, as indústrias que utilizam carvão e combustíveis fósseis e as queimadas. Segundo Al Gore, em seu livro *Uma verdade inconveniente,* 750 bilhões de toneladas são o total de dióxido de carbono lançado na atmosfera hoje. Esses gases venenosos ficam retidos na atmosfera por causa do efeito

estufa e são uma das principais causas do aquecimento do planeta. Os Estados Unidos são responsáveis por 30,3% da poluição do planeta. A Europa, por 27,7%. A Rússia, por 13,7%. O Japão, por 3,7%. O Canadá, por 2,3%. O Sudeste da Ásia, por 12,2%. A América Central e a América do Sul, por 3,8%. O Oriente Médio, por 2,6%. A África, por 2,5%. A Austrália, por 1,1%.

Em quinto lugar, *o efeito estufa.* Ele foi descoberto por Joseph Fourier em 1824. É o fenômeno natural pelo qual a energia emitida pelo Sol – em forma de luz e radiação – é açulada na superfície e na atmosfera terrestre, aumentando a temperatura do planeta. Consiste no processo de absorção e emissão de radiação infravermelha pelos gases atmosféricos de um planeta, resultando no aquecimento de sua superfície e atmosfera. Os gases estufa criam um efeito estufa natural, sem o qual a temperatura média da Terra seria cerca de 30°C mais baixa, tornando-a inabitável para a vida como a conhecemos. Na Terra os gases que mais contribuem para o efeito são o vapor de água, o dióxido de carbono e o ozônio.

Os raios solares incidem sobre a Terra e são refletidos. Ao retornarem, encontram uma camada mais espessa que os aprisiona e não os deixa sair da atmosfera. É como se ficassem trancados numa panela de pressão. Isso se chama efeito estufa. Esse efeito estufa impede que os raios infravermelhos do Sol sejam liberados da atmosfera. Isso não traz apenas mais calor, mas também provoca doenças de pele.

Em sexto lugar, *a camada de ozônio.* Em volta da Terra há uma frágil camada de um gás chamado ozônio, que protege animais, plantas e seres humanos dos raios ultravioletas emitidos pelo Sol. Na superfície terrestre, o ozônio contribui para agravar a poluição do ar das cidades e a chuva ácida. Mas, nas alturas da estratosfera (entre 25 e 30 quilômetros acima da superfície), é um filtro a favor

da vida. Sem ele, os raios ultravioletas poderiam aniquilar todas as formas de vida no planeta.

Há evidências científicas de que substâncias fabricadas pelo homem estão destruindo a camada de ozônio. Ela está se tornando mais fina em várias partes do mundo, especialmente nas regiões próximas ao Polo Sul. Os raios ultravioletas provocam câncer de pele e afetam o sistema imunológico.

As consequências do aquecimento global

Destacaremos aqui algumas consequências do aquecimento global:

Em primeiro lugar, *o derretimento das calotas polares.* Al Gore diz que tanto no extremo norte do planeta, o Ártico, como no extremo sul, a Antártida, só existe gelo à nossa volta. No entanto, abaixo da superfície há uma grande diferença entre os dois. Enquanto a calota de gelo da Antártida mede três mil metros de espessura, no Ártico ela tem, em média, menos de três metros. É debaixo do gelo que se encontra a razão dessa diferença: a Antártida é uma região de terra rodeada por oceanos, ao passo que o Ártico é um oceano rodeado de terra. No Ártico o gelo flutuante é extremamente fino. Isso torna a região vulnerável ao brusco aumento da temperatura. Assim, o impacto mais dramático do aquecimento global no Ártico é o derretimento acelerado.

Al Gore ainda chama a atenção para o fato de que o aquecimento do planeta pode ser constatado pelo derretimento dos polos. Grande parte do reservatório de água potável que temos no planeta está concentrada nas geleiras do Ártico e da Antártida. Quase todas as geleiras de montanhas que existem no planeta estão derretendo, várias delas rapidamente. Há uma mensagem nisso. As geleiras da Patagônia, na América do Sul, e dos Alpes estão derretendo

aceleradamente. As geleiras do Himalaia, no Planalto do Tibet, são as mais atingidas pelo aquecimento global. A Cordilheira do Himalaia contém cem vezes mais gelo do que os Alpes. Ela fornece mais da metade da água potável para 40% da população mundial, por meio de sete sistemas fluviais asiáticos, todos com origem nesse planalto. Nos próximos cinquenta anos, esses 40% da população mundial devem enfrentar uma grave falta de água potável, a menos que o mundo tome medidas rápidas e corajosas para mitigar o aquecimento global.

Sempre ocorreu o derretimento sazonal do gelo a cada verão, e no passado já se formavam esses drenos; mas tais formações não se comparavam ao que está acontecendo agora. Nos últimos anos, o degelo se acelerou perigosamente. Se o manto de gelo da Groenlândia se derreter ou partir e deslizar para o mar – ou mesmo se metade da Groenlândia e metade da Antártida se derreterem ou partirem e deslizarem para o mar – o nível dos oceanos no mundo todo aumentará entre 5,5 e 6 metros. Neste caso, os mapas-múndi terão de ser redesenhados.

Esse derretimento eleva o nível dos oceanos e pode provocar a submersão de ilhas e a inundação de cidades costeiras. A Flórida seria severamente atingida. Em Pequim, vinte milhões de pessoas teriam de ser evacuadas. Em Xangai, quarenta milhões seriam obrigadas a refugiar-se. Em Calcutá e Bangladesh, sessenta milhões de pessoas teriam de abandonar seus lares.

Em segundo lugar, *o aumento do nível dos oceanos.* Estudos revelam que o nível das águas dos mares está subindo. Com o aumento da temperatura de 0,5°C nos últimos cinquenta anos, houve uma elevação de dez a vinte centímetros no nível dos oceanos nesse período. Além disso, as regiões glaciais do planeta estão diminuindo. Em algumas zonas do Ártico, a coberta de gelo encolheu 40% em

décadas recentes. Com o degelo dos polos, esse fenômeno pode chegar a níveis catastróficos, pondo em risco a fauna, a flora e a vida humana.

Em terceiro lugar, *a submersão de ilhas e cidades costeiras.* Muitas ilhas seriam submersas e muitas cidades costeiras seriam atingidas com a elevação das águas dos oceanos. Países baixos como a Holanda, Estados como a Flórida e cidades como Nova York seriam severamente atingidos. O mundo inteiro está alarmado com as ondas gigantescas, chamadas *tsunamis* (onda de porto, em japonês). Tsunamis são ondas gigantes geradas por distúrbio sísmico, que possuem alto poder destrutivo quando chegam à região costeira. Um tsunami pode atingir trinta metros de altura, causando grande destruição. Já aconteceram vários tsunamis, mas o de 26 de dezembro de 2004 foi um dos mais devastadores. Houve cerca de 285 mil vítimas fatais no oceano Índico. Em 2010, ondas gigantescas também atingiram cidades do Chile, em virtude de um devastador terremoto, culminando na morte de centenas de pessoas.

Em quarto lugar, *a desertificação.* O desmatamento, as secas severas, a morte das fontes, o assoreamento dos rios e o aquecimento do planeta são fatores que contribuem para a desertificação em vários lugares da Terra. O aquecimento suga a umidade do solo, e isso acelera o processo de desertificação. O aumento da temperatura provoca a morte de várias espécies animais e vegetais, desequilibrando diversos ecossistemas. Somado ao desmatamento que vem ocorrendo principalmente em florestas tropicais (Brasil e África), a tendência é o aumento das regiões desérticas do planeta Terra.

Em quinto lugar, *as ondas de calor.* A Europa tem sido castigada por ondas de calor de até 40°C. Esse aquecimento se deve, sobretudo, à emissão de gases poluentes especialmente os de origem fóssil (gasolina e diesel). Esses gases (ozônio, dióxido de carbono, metano e

monóxido de carbono) formam uma camada de poluentes de difícil dispersão, causando o famoso *efeito estufa*. Este fenômeno ocorre porque os gases absorvem grande parte da radiação infravermelha emitida pela Terra, dificultando a dispersão do calor.

Al Gore alerta para o fato de que estamos vivendo uma espécie de esquizofrenia climática. Há calor insuportável em alguns lugares e esfriamento severo em outros. Em 2005 tivemos o ano mais quente da história. Na Austrália, o aumento da temperatura provocou incêndios gigantescos. Na Europa, muitas pessoas morreram por causa do intenso calor. Na África, alguns países tiveram temperatura acima dos 45°C. Os atuais modelos científicos preveem que, se nada for feito, a temperatura global pode aumentar entre 1,4°C e 5,8°C até 2100. O verão de 2010 foi um dos mais quentes da história no Brasil. A natureza está gritando aos nossos ouvidos uma mensagem urgente. Os efeitos desse aquecimento serão enormes: falta de água potável, intensas severas, mudanças drásticas nas condições de produção de alimentos, tufões e furacões. Com o derretimento das calotas polares, os mares podem subir até sete metros, e o impacto disso é devastador.

Em sexto lugar, *o aumento de terremotos, furacões, tufões, ciclones e maremotos.* As grandes tempestades, tanto no Atlântico como no Pacífico, aumentaram em duração e intensidade, desde a década de 1970, em cerca de 50%. Enquanto os oceanos ficam mais quentes, as tempestades ficam mais fortes. Em 2004, a Flórida foi atingida por quatro furacões extraordinariamente violentos. No mesmo ano, dez tufões atingiram o Japão. Em 2006, a Austrália foi atingida por vários ciclones excepcionalmente fortes, de categoria 5, inclusive o ciclone Mônica, o mais forte já registrado no litoral australiano – ainda mais violento que os furacões Katrina, Rita ou Wilma. Em 2004, foi quebrado o recorde

histórico de tornados nos EUA. No verão de 2005, novos recordes foram quebrados. Houve 25 grandes furacões nesse ano só nos EUA. Vários atingiram o Caribe, no Golfo do México. A maior plataforma petrolífera do mundo, a *Thunder Horse* da *British Petroleum,* a 240 km a sudeste de Nova Orleans, ficou avariada depois que o furacão Dennis atingiu o Golfo do México.

Em 2005, enquanto os EUA sofriam com os furacões, a Europa enfrentava dolorosas inundações. A *United Press International* resumiu assim os sentimentos de muitos europeus ao publicar em 26 de agosto, dia em que o Katrina atingiu a Flórida: "Na Europa, a natureza enlouqueceu".

Na Ásia, as inundações também aumentaram de forma dramática. Na China, houve inundações recordes, enquanto em outras províncias do mesmo país aconteciam secas severas. As secas na África são deveras alarmantes. Al Gore diz, em seu supracitado livro, que o lago Chade, tão grande quanto o lago Erie e o sexto maior lago do mundo, simplesmente desapareceu num período de apenas quarenta anos. O que é grave é que hoje há mais gente do que nunca dependendo desse lago para sobreviver.

Cresce assustadoramente o número de enchentes, furacões, tufões, ciclones e maremotos. Até no Brasil já há a presença de ciclones. Na última década esses problemas se multiplicaram. O tsunami que atingiu a Ásia matou mais de 300 mil pessoas. O Katrina, que invadiu Nova Orleans em agosto de 2005, matou milhares e trouxe prejuízos de bilhões e bilhões de dólares. As consequências foram horríveis. Não há palavras para descrevê-las. Os vendavais que sacudiram os Estados Unidos foram tantos que as letras do alfabeto não foram suficientes.

Em 2010, um avassalador terremoto destruiu o Haiti, o país mais pobre das Américas. Foram mais de duzentas mil pessoas

esmagadas debaixo dos escombros. Ainda em 2010, o Chile foi sacudido por vários terremotos colossais e invadido por ondas gigantescas que provocaram a morte de centenas de pessoas, deixando para trás um rastro de destruição. Em abril de 2010, um terremoto de grandes proporções sacudiu também a China, deixando centenas de mortos. Multiplicam-se os terremotos. Parece que as colunas de sustentação do universo estão balançando!

Em sétimo lugar, *as mudanças no ecossistema.* O aquecimento do planeta tem provocado muitas mudanças no ecossistema. A fauna e a flora estão sendo afetadas. Há espécies desaparecendo. Há algas no fundo dos oceanos que estão morrendo.

Os recifes de coral, que são tão importantes para as espécies marinhas quanto as florestas tropicais são para as espécies terrestres, estão sendo destruídos em grande número pelo aquecimento global. Estima-se que em 1998, o segundo ano mais quente da história, o mundo perdeu 16% de todos os seus recifes de coral. A principal causa da deterioração desses recifes é a elevação da temperatura dos oceanos, decorrente do aquecimento global.

Em oitavo lugar, *a escassez de água potável.* A maior crise do mundo no século 21 será de água potável. Na linguagem simbólica de Apocalipse, nossos rios estão se transformando em sangue. Talvez por vivermos num país tão rico em recursos hídricos não nos apercebamos dessa realidade tão dramática.

Propostas e soluções

Vamos oferecer aqui algumas propostas e soluções a esse macro problema do aquecimento global:

Em primeiro lugar, *o protocolo de Kyoto.* Esse protocolo é um acordo internacional que visa a redução da emissão de poluentes que aumentam o efeito estufa no planeta. Entrou em vigor em 16

de fevereiro de 2005 e conta com a participação de 163 países. O principal objetivo é que ocorra a diminuição da temperatura global nos próximos anos. Infelizmente, os Estados Unidos da América, país que mais emite poluentes no mundo, não aceitaram o acordo, afirmando que ele prejudicaria o desenvolvimento industrial do país.

As nações do mundo inteiro estão preocupadas em estabelecer medidas para conter o avanço do aquecimento global, criando mecanismos para frear essa vertiginosa escalada.

Em segundo lugar, *a ação política.* Em 1936 Winston Churchill alertou a Inglaterra sobre as questões climáticas nestes termos: "A era da procrastinação, das meias-medidas, dos expedientes que acalmam e confundem, a era do adiantamento está chegando ao fim. No seu lugar, estamos entrando na era das consequências". Se quisermos ser mordomos responsáveis precisaremos contar com a vontade e a ação política dos nossos governantes. Um governo responsável age prospectivamente. Ele pensa não apenas em sua geração, mas nas gerações futuras.

Em terceiro lugar, *a responsabilidade econômica.* Tanto o governo como as empresas estatais e as de iniciativa privada precisam fazer pesados investimentos na área de pesquisa e de contenção de emissão de gases poluentes. Isso para melhorar a qualidade de vida em nosso planeta e para garantir às futuras gerações um habitat seguro. As empresas estatais e privadas que poluem o ar são responsáveis pela disseminação de doenças respiratórias nos centros urbanos.

Em quarto lugar, *as decisões pessoais.* Há várias atitudes que as pessoas adotam em relação ao problema do aquecimento global:

Primeiro, *a negação do problema.* Esta é a atitude mais complicada em relação ao aquecimento global. Os céticos quanto ao aquecimento global dizem que ele é uma ilusão e julgam a informação de que

o planeta está se aquecendo como uma propaganda alarmista. Chamam seus defensores de terroristas ambientais.

Segundo, *a histeria por causa do problema.* Outros estudiosos beiram a histeria, provocando grandes alardes e muita confusão com exageros catastróficos. Essas pessoas deixam de confiar que Deus é o soberano Senhor do universo. A Terra não é um caminhão sem freio ladeira abaixo. Mesmo que a Terra esteja em convulsão, ela está rigorosamente sob o controle de Deus. Ainda que os fenômenos sejam avassaladores, eles acontecem sob a direção de Deus.

Terceiro, *a síndrome de avestruz.* Há outros que preferem ignorar o problema e enfiar a cabeça na areia como se ele não existisse. Esses não agem com responsabilidade. Tornam-se negligentes na sua administração como mordomos da criação.

Quarto, *o sentimento de impotência.* Há aqueles que dizem que o problema é grande demais e nada se pode fazer para solucioná-lo. Precisamos fazer a nossa parte. O somatório dos nossos esforços fará grande diferença nesse processo. O filme de Steven Spielberg, *A lista de Schindler,* termina com uma frase lapidar: "Quem salva uma vida, salva o mundo inteiro". Não podemos salvar o planeta dessas tragédias, mas podemos fazer a nossa parte como mordomos responsáveis. Como povo de Deus, conscientes de que o universo não gerou a si mesmo, não é produto de uma macroexplosão nem veio à existência por uma evolução de milhões de anos, mas foi planejado e criado por Deus; conscientes ainda de que Deus nos colocou aqui não como adoradores da natureza nem como seus depredadores, mas como mordomos da criação, devemos ocupar a dianteira dessa nobre causa, a preservação consciente e inteligente do nosso habitat.

Quinto, *a atitude extremista.* São aqueles que, dominados por uma teologia desfocada, embalados pela onda da nova era, adoram

a natureza e advogam medidas irresponsáveis para a solução do problema, comprometendo, assim, o desenvolvimento sustentável. Esses advogam o fechamento das indústrias e a volta a uma vida primitiva ou pré-industrial.

Sexto, *a conscientização e a ação.* Nós precisamos fazer a nossa parte: 1) não poluindo a natureza; 2) usando lâmpadas fluorescentes em vez de incandescentes; 3) economizando água e energia; 4) buscando energias alternativas (como a solar); 5) usando combustível não-fóssil. Chegou a nossa vez de entrar em ação e garantir o nosso futuro e o dos nossos filhos. Afinal, somos mordomos de Deus na administração da natureza.

Concluo esta análise fazendo uma conexão entre o problema do aquecimento global e as trombetas do Apocalipse. As trombetas são juízos de Deus sobre o mundo por causa de seus pecados. São juízos parciais. O efeito dessas trombetas cai na terra, nos mares, nos rios, nos astros e nos homens e provoca prejuízos, sofrimento e morte. A natureza está se convulsionando e se contorcendo. Esses fenômenos causam o aquecimento do planeta: "O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória" (Ap 16.8,9).

Precisamos ressaltar que Deus é soberano, e sua soberania alcança também a natureza. Muitos fenômenos que hoje atribuímos ao capricho da natureza ou a causas puramente androgênicas não passam de trombetas de Deus, de juízos de Deus sobre os homens. A natureza não é um trem descarrilado sem controle. As rédeas da natureza estão nas mãos de Deus.

Finalmente, precisamos proclamar a redenção da natureza. Romanos 8.19-22 fala que a natureza está gemendo e ela será liberta do seu cativeiro quando Jesus voltar. Haverá, então, um novo céu e uma nova terra (Ap 21.1). Este será o nosso próximo assunto.

CAPÍTULO 6

Uma sociedade consolada pela esperança

Os estudiosos consideram a carta de Paulo aos Romanos a Cordilheira do Himalaia de toda a revelação bíblica. Se isso é fato, então Romanos 8 é o Pico do Everest. Aqui Paulo alcança o ponto culminante de sua argumentação, mostrando que sobre os salvos não pesa mais nenhuma condenação (Rm 8.1) e não haverá mais nenhuma separação do amor de Deus (Rm 8.39).

À guisa de introdução, destacamos dois grandes contrastes:

Em primeiro lugar, *o contraste entre o sofrimento presente e a glória futura* (Rm 8.18). Paulo contrasta o sofrimento do tempo presente com as glórias do futuro, como se segurasse em sua mão uma balança com dois pratos. Num prato, ele põe "os sofrimentos do tempo presente"; no outro, "a glória por vir a ser revelada em nós". Os sofrimentos do tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que está para ser revelada em nós. Aqui ainda há dor e lágrima; aqui ainda há fraqueza e morte; mas não caminhamos para um túmulo gelado e frio, e sim para a gloriosa

ressurreição. Não caminhamos para um destino desconhecido nem para um lugar de tormento, mas para a bem-aventurança eterna. O sofrimento presente não pode ser comparado com as glórias futuras. Diante do fulgor da glória que nos espera, os sofrimentos do tempo presente são leves e momentâneos (2Co 4.17).

Em segundo lugar, *o contraste entre o que somos e o que havemos de ser.* Embora salvos da culpa e penalidade do pecado, ainda estamos sujeitos à fraqueza e à morte. Ainda vivemos num mundo caído que geme ao nosso redor e também fazemos parte dessa sinfonia do gemido. Porém, aguardamos nossa plena manifestação como filhos de Deus; aguardamos a ressurreição do nosso corpo. Aguardamos aquela glória que jamais, nem pela metade, foi contada ao mortal.

O texto em apreço lança os fundamentos da segurança dos salvos. Somos mais do que vencedores por meio de Cristo. Nossa segurança não está estribada no frágil bordão da autoconfiança, mas nos decretos eternos e na ação eficaz do Deus Todo-poderoso.

Destacaremos, agora, seis pontos importantes que sinalizam esse caminho da nossa segurança.

Os gemidos da criação

Paulo é enfático em nos informar que "toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora" (Rm 8.22). Essa grandiosa sinfonia de gemidos não é vista como o estertor da morte da criação, mas como as dores de parto que levam à sua restauração. Três verdades devem ser aqui apontadas:

Em primeiro lugar, *o cativeiro da criação.* Que criação é essa a que Paulo se refere? Certamente não são os anjos, pois estes não estão sujeitos à vaidade nem prisioneiros no cativeiro da corrupção. Também não são os demônios, uma vez que eles não

têm expectativa da manifestação dos filhos de Deus nem serão redimidos do seu cativeiro. A criação aqui, de igual forma, não é uma referência aos homens, pois ela está sujeita involuntariamente. A conclusão inequívoca é que Paulo está se referindo à criação irracional, animada ou inanimada.

A queda não atingiu apenas o homem, mas também a natureza. É importante observar as palavras que Paulo usa para descrever a situação da criação: sofrimento (Rm 8.18), vaidade (Rm 8.20), cativeiro (Rm 8.21), corrupção (Rm 8.32) e angústias (Rm 8.22). Destacamos três pontos:

Primeiro, *a criação foi submetida à vaidade* (Rm 8.20). Ela está confusa, contraditória, doente. Há uma desarmonia brutal na natureza. A expressão "cativeiro da corrupção" traz a ideia de um ciclo contínuo de nascimento, crescimento, morte e decomposição, ou seja, de todo o processo de deterioração do universo. A palavra grega *mataiotes,* "vaidade", significa frustração, nulidade, futilidade, falta de propósito, transitoriedade. A ideia básica é a de um vazio, seja de propósito ou de resultado. Trata-se da inabilidade de alcançar um alvo ou resultado. Os sinais da morte estão presentes na natureza. O que está ocorrendo não é a evolução do universo, mas sua decadência.

Segundo, *a criação vive prisioneira no cativeiro da corrupção* (Rm 8.21). Os sinais de fraqueza e morte estão presentes na criação. Ela não pode se redimir nem libertar a si mesma. A queda dos nossos primeiros pais atingiu não apenas a raça humana, mas toda a criação. A terra e os animais estão gemendo. Somos seres caídos, vivendo numa natureza caída. Somos seres mortais que vivem numa natureza que manifesta os sintomas de sua morte.

Terceiro, *a criação geme e suporta angústias até agora* (Rm 8.22). Paulo é enfático ao dizer que não apenas parte da criação, mas toda

a criação geme e suporta angústias até agora. A natureza está com suas entranhas enfermas. Está com cólicas intestinais. Ela geme e se angustia. Não apenas a natureza está enferma, mas os homens, com sua ganância e avareza, têm destruído ainda mais seu habitat. Nossos rios estão se transformando em esgotos a céu aberto. Nosso ar está sendo poluído por toneladas de dióxido de carbono a cada minuto. Nossos campos estão se transformando em desertos, e nossas fontes estão morrendo. Os animais do campo, os peixes do mar e as aves do céu estão gemendo.

Em segundo lugar, *a sujeição da criação.* Duas verdades devem ser aqui destacadas à luz de Romanos 8.20:

Primeiro, *a sujeição da criação é involuntária.* A criação não é o agente da sua queda. Ela é vítima, e não ré. Ela não se submeteu, mas foi submetida. Quando o homem caiu, arrastou consigo para o abismo da queda a própria natureza. As angústias da criação são um juízo divino ao pecado do homem. A terra foi amaldiçoada e passou a produzir cardos e abrolhos.

Segundo, *a sujeição da criação é imposta por Deus.* Não foi o homem nem o diabo que impôs à criação a sentença de sujeição à vaidade, mas o próprio Deus como juiz do universo. Os efeitos da queda na natureza são um castigo divino ao pecado dos nossos primeiros pais. Por isso, só Deus pode redimir a criação do cativeiro da corrupção.

Em terceiro lugar, *a expectativa da criação.* Três verdades nos chamam a atenção:

Primeiro, *a redenção da criação está conectada com a glorificação dos filhos de Deus* (Rm 8.19,21). A criação foi amaldiçoada por causa do pecado do homem e será redimida do cativeiro da corrupção na glorificação dos salvos. Sua redenção do cativeiro não se dará antes nem à parte da glorificação dos crentes. Então, haverá

liberdade em vez de escravidão, glória incorruptível em vez de decomposição. Se nós vamos participar da glória de Cristo, a criação participará da nossa.

Segundo, *a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus* (Rm 8.19,21). A criação vive como que na ponta dos pés, esticando o pescoço, olhando para esse futuro que virá trazendo em suas asas a restauração de todas as coisas. A expectativa da criação é uma esperança viva e certa. A palavra grega *apokaradokia,* "ardente expectativa", significa esperar de cabeça erguida e com os olhos fixos naquele ponto do horizonte de onde virá o objeto esperado. Essa palavra denota a concentração em um único objeto, sem levar em consideração outros ao redor.

Terceiro, *os gemidos da criação não são de desespero, mas de esperança* (Rm 8.22). A criação não se contorce com os gemidos da morte, mas geme como uma mulher que está para dar à luz. Seus gemidos não são de desespero, mas de gloriosa expectativa. Ela não geme por causa de um passado inglório, mas por causa de um futuro glorioso. John Stott tem razão quando diz que os gemidos da criação não são dores que carecem de sentido e de propósito, mas são dores inevitáveis no vislumbre de uma ordem nova. A escravidão da decadência dará lugar à liberdade da glória (Rm 8.21). Às dores de parto seguirão as alegrias do nascimento (Rm 8.22). Portanto, haverá continuidade e descontinuidade na regeneração do mundo, assim como na ressurreição do corpo. O universo não será destruído, mas sim liberto, transformado e inundado da glória de Deus.[12]

Essa transformação incluirá harmonização. Estão ausentes na natureza a paz e a harmonia. Vários organismos parecem estar

[12] STOTT, John. *Romanos.* ABU. São Paulo, SP. 2003: p.288.

operando com propósitos conflitantes: estrangulam uns aos outros até a morte. Mas, então, haverá concórdia e harmonia por toda parte. A profecia de Isaías 11.6-9 terá atingido seu cumprimento último:

> O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca da áspide, e o já desmamado meterá a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dado algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar.

Os gemidos da igreja

Paulo passa dos gemidos da velha criação para os da nova criação; dos gemidos da natureza para os da igreja; dos gemidos da criação de Deus para os dos filhos de Deus. Com respeito aos gemidos da igreja, três verdades devem ser destacadas:

Em primeiro lugar, *os gemidos da igreja não são os gemidos do desespero, mas da esperança* (Rm 8.23a). Os filhos de Deus gemem em seu íntimo porque, tendo experimentado as primícias do Espírito, anseiam ardentemente tomar posse definitiva da plenitude da salvação. As primícias eram a primeira porção da colheita, entendida tanto como uma primeira prestação como um penhor pelo pagamento final do todo. O Espírito Santo é compreendido como uma antecipação da salvação final e um penhor de que todos os que têm o Espírito serão, no fim, salvos. O Espírito é mais que uma garantia desta herança; é o antegozo dela.

Vivemos na tensão entre o que Deus inaugurou (ao dar-nos seu Espírito) e o que ele irá consumar (quando se der nossa

adoção e redenção final); nós gememos em desconforto, desejando ardentemente o futuro. Os gemidos da igreja não são os soluços da alma, movidos pela desesperança, mas o anseio ardente daqueles que, tendo provado os sabores da bem-aventurança eterna, aguardam a glorificação, ou seja, a manifestação pública de sua adoção como filhos de Deus.

O próprio fato de que os filhos de Deus agora são habitados pelo Espírito Santo faz nascer dentro deles um doloroso sentimento de ausência. O que eles já possuem os faz famintos por mais, ou seja, pela salvação em toda sua plenitude. É nesse sentido que dor e esperança estão juntas aqui.

Em segundo lugar, *os gemidos da igreja não são os gemidos da morte, mas da vida* (Rm 8.23b). Os filhos de Deus não estão gemendo com medo da morte, mas pela ardente expectativa da ressurreição. Eles não estão gemendo por aquilo que são, mas por desejarem ardentemente aquilo que virão a ser. Não estão gemendo pela fraqueza do corpo terreno, mas pelo anelo do revestimento do corpo de glória.

John Stott tem razão quando escreve:

> É claro que já fomos adotados por Deus (8.15), e o Espírito nos assegura que somos filhos de Deus (8.16). Existe, porém, uma relação Pai-filho ainda mais rica e profunda que virá quando nós formos plenamente "revelados" como seus filhos (8.19) e conformados à imagem do seu Filho (8.29). Nós já fomos redimidos, mas nossos corpos, não. Nosso espírito está vivo (8.11), mas aguardamos o dia em que receberemos um corpo semelhante ao corpo da glória de Cristo.[13]

[13] STOTT, John. *Romanos.* 2003: p.293.

Em terceiro lugar, *os gemidos da igreja não são os gemidos por aquilo que se vê, mas pelo anelo do que se não vê* (Rm 8.24,25). Os filhos de Deus já foram salvos da condenação do pecado e estão sendo salvos do poder do pecado; mas ainda serão salvos da presença do pecado. Temos a garantia da salvação, mas não ainda sua posse definitiva. Recebemos o Espírito como selo e garantia de que receberemos a posse final e definitiva, mas ainda aguardamos pacientemente o que não vemos.

Os gemidos do Espírito

O apóstolo Paulo passa dos gemidos da criação e da igreja para os gemidos do Espírito Santo. Numa ordem crescente como Paulo, um maestro habilidoso, vai levando a sinfonia do gemido ao seu apogeu. Os gemidos estão presentes na terra e no céu; dentro dos filhos de Deus e até mesmo nas entranhas da própria divindade.

Duas verdades solenes devem ser aqui destacadas:

Em primeiro lugar, *a assistência do Espírito em nossa fraqueza* (Rm 8.26). Nós somos mais do que vencedores não porque somos fortes. O cristianismo diverge frontalmente da psicologia de auto-ajuda. Paulo afirma que somos fracos. Não somos um gigante adormecido; não temos poder inato. A ajuda não vem de dentro, mas do alto; a vitória não é resultado da auto-ajuda, mas de ajuda do alto. Três fatos devem ser observados:

Primeiro, *nós temos fraquezas* (Rm 8.26). A nova era está equivocada quando diz que a força vem de dentro. As religiões místicas estão erradas quando ensinam que há uma espécie de divindade dentro das pessoas que precisa ser conhecida e libertada. A verdade é que somos fracos, limitados e contingentes. Temos fraquezas físicas, emocionais, morais e espirituais. O tempo vai esculpindo rugas em nossa face e deixando nossas pernas bambas, nossos

joelhos trôpegos, nossas mãos descaídas e nossos olhos embaçados. Cada fio de cabelo branco que surge em nossa cabeça é a morte nos chamando para um duelo. Nossas fraquezas nos deixam esmagados. Tropeçamos nos mesmos erros, incorremos nas mesmas falhas e caímos nas mesmas armadilhas. O bem que queremos não praticamos, mas o mal que odiamos, esse o fazemos. Somos seres ambíguos, contraditórios, paradoxais. Há uma guerra constante instalada em nosso peito. Há um conflito permanente no campo de batalha da nossa mente. Há uma esquizofrenia existencial fincada nos meandros da nossa alma que nos arrasta para direções opostas. Nossos desejos secretos denunciam a gravidade da nossa doença moral. Nossos pensamentos íntimos revelam quanto o pecado nos atingiu. Todos nós temos os pés de barro. Todos nós temos nosso calcanhar de Aquiles. Todos nós temos fraquezas!

Segundo, *nós não sabemos orar como convém* (Rm 8.26). A nossa fraqueza decorre do fato de não sabermos orar convenientemente. Somos fracos porque não conseguimos manter comunhão ininterrupta com o Deus onipotente. Nosso maior problema não está nas fraquezas, mas em nosso distanciamento daquele que é onipotente. A inabilidade na oração não é apenas uma ilustração da fraqueza do crente, mas também uma explicação dessa fraqueza.

A oração é a respiração da alma. Quem não tem intimidade com Deus não pode ser forte. A fraqueza da oração não está em seu laconismo; está na pobreza de sua substância. Não é suficiente orar; é preciso orar como convém. E não sabemos orar como convém porque nos falta discernimento. Muitas vezes pedimos para Deus uma pedra pensando que estamos pedindo um pão; pedimos uma cobra pensando que estamos pedindo um peixe; pedimos aquilo que vai nos destruir, pensando que estamos pedindo aquilo que vai nos dar vida. Não sabemos orar como convém porque somos

impacientes. Queremos pressionar Deus com a urgência da nossa agenda. Queremos que a nossa vontade seja feita no céu, em vez de buscar que a vontade de Deus seja feita na terra.

Terceiro, *o Espírito nos assiste em nossa fraqueza* (Rm 8.26). O Espírito não nos escorraça por causa das nossas fraquezas nem sente nojo de nós. Ele não nos deixa entregues à nossa própria sorte. Ele se encurva para tomar o nosso fardo e levá-lo por nós. Quando nos sentimos cansados, ele nos toma no colo. Fortalece-nos quando o peso da vida nos pressiona além da conta.

A palavra grega traduzida por "assistir" significa mais do que "assistir". O sentido apropriado é que o Espírito toma sobre si a nossa carga não somente para nos ajudar e socorrer, mas, sobretudo, para nos aliviar, carregando todo o peso por nós. Nossa fraqueza nos levaria ao desfalecimento e ao desespero, não fosse a assistência do Espírito. Há momentos na vida em que se ajuntam sobre nossa cabeça nuvens escuras. Nessas horas, sentimo-nos encurralados por tempestades devastadoras. É a enfermidade grave que chega; é a dor atroz do luto que se instala; é o casamento ferido mortalmente pelo divórcio; é o pecado que tenazmente nos assedia.

Aquele que pode confessar "eu creio no Espírito Santo" encontrou um amigo divino. Para ele, o Espírito Santo não é uma influência, uma energia ou alguém distante, mas um consolador presente a quem Cristo enviou para estar sempre conosco. Que bendita esperança é esta: a de termos o Espírito Santo, Deus onipotente, para nos assistir em nossas fraquezas. Aquele que embelezou os céus e a terra e espalha vida em todo o universo pelo seu poder criador é o mesmo que nos assiste em nossas fraquezas.

Em segundo lugar, *a intercessão do Espírito a nosso favor* (Rm 8.26,27). Paulo passa da assistência do Espírito para a intercessão do Espírito. Aqui vemos o Deus que está em nós intercedendo

por nós ao Deus que está sobre nós. A oração é o divino em nós apelando ao divino sobre nós. Temos dois intercessores na trindade: Jesus, nosso advogado e sumo sacerdote, é o nosso intercessor legal (Rm 8.34), e o Espírito Santo é o nosso intercessor existencial (Rm 8.26).

Há uma distinção entre a intercessão do Espírito e a intercessão de Cristo. Este intercede por nós no céu, e o Espírito Santo, na terra. Cristo, o nosso cabeça, estando no céu, intercede por nós fora de nós; o Espírito Santo, nosso Consolador, intercede por nós em nosso coração. Cristo intercede por nós para que usufruamos dos frutos da sua redenção; o Espírito Santo intercede por nós para nos assistir em nossas aflições e levar nossas profundas necessidades diante do trono de Deus.

A intercessão do Espírito tem três características:

Primeiro, *é uma intercessão intensa* (Rm 8.26). O apóstolo afirma que o Espírito intercede por nós "sobremaneira". Isso descreve o aspecto intenso dessa intercessão. Assim como o Pai nos amou "de tal maneira", o Espírito intercede por nós "sobremaneira". Ainda que usássemos todas as palavras do nosso vernáculo, não poderíamos descrever com precisão a intensidade com que o Espírito intercede pelos santos.

Segundo, *é uma intercessão agônica* (Rm 8.26). Não apenas a natureza e os filhos de Deus estão gemendo, mas também o Espírito Santo. Os gemidos do Espírito estão ligados ao seu ministério de intercessão. A inspiração do Espírito Santo é tão necessária quanto a mediação do Filho se queremos obter acesso ao Pai na oração. O gemido é uma expressão de dor. Gememos quando não conseguimos expressar em palavras os nossos sentimentos intensos. É assim que o Espírito intercede por nós, em nós, ao Deus que está sobre nós. Aquele que conhece todas as línguas, idiomas e dialetos de

todos os povos, de todos os tempos, ora por nós com tal agonia que o faz com gemidos inexprimíveis. A palavra grega *alale* significa "sem palavras". O que Paulo, portanto, está querendo mostrar aqui não é que os gemidos não podem ser colocados em palavras, mas que de fato não há como expressá-los.

Terceiro, *é uma intercessão eficaz* (Rm 8.27). A intercessão do Espírito não é pelo mundo, mas pelos santos. Os santos não são os beatificados ou canonizados pela igreja, mas todos aqueles que foram remidos e lavados no sangue de Jesus. A intercessão do Espírito em nós, por nós, ao Pai que está sobre nós é sempre alinhada com sua soberana e perfeita vontade e por isso tem a marca da eficácia. Não há conflito na trindade. O Espírito nunca intercede por uma causa contrária à vontade do Pai. A intercessão do Espírito não é baseada em sentimentos equivocados e em propósitos errados, pois está sempre em harmonia com a vontade e o plano divino. Seu plano tem dois objetivos: nosso bem e sua glória.

Uma convicção segura

Paulo faz uma transição da assistência e da intercessão do Espírito para a gloriosa convicção dos salvos. A história não está à deriva, mas nas mãos do nosso Deus. Ela não é cíclica, mas caminha para um fim glorioso. Nós não somos arrastados de um lado para o outro sob a força insopitável das fragorosas circunstâncias, mas temos a convicção de que Deus tece as circunstâncias todas da nossa vida, objetivando o nosso bem.

O apóstolo inicia o versículo 28 usando um verbo extremamente sugestivo: "Sabemos". Ele não diz: "esperamos" ou "supomos", e sim "sabemos". Isto é como um artigo do nosso credo. O verbo "sabemos" expressa o conhecimento da fé. A palavra grega vem de um termo da matemática. É algo exato, incontroverso,

absoluto. Essa não é a linguagem da conjectura hipotética, mas da certeza experimental. Três verdades nos chamam a atenção no versículo 28:

Em primeiro lugar, *Deus trabalha por nós em todas as circunstâncias da vida* (Rm 8.28). A vida é feita de montes e vales, alegrias e lágrimas, prosperidade e perdas. Todas essas coisas cooperam para o nosso bem. Com isso Paulo não está dizendo que todas as coisas que acontecem conosco são boas. Ao contrário, está dizendo que mesmo que essas coisas sejam más, Deus as transformará em bênção (Gn 50.20). Também Paulo não está dizendo que essas coisas se encaixam por si mesmas, como se a vida fosse um grande jogo de quebra-cabeça, e as peças fossem sendo encaixadas por nossa iniciativa ou pela coincidência. A verdade é que Deus está tecendo a nossa vida como um mosaico. Ele está escrevendo o poema da nossa vida capítulo por capítulo. Ele está esculpindo em nós o caráter de Cristo.

Em segundo lugar, *Deus trabalha em todas as circunstâncias para o bem daqueles que o amam* (Rm 8.28). Paulo não está dizendo que Deus trabalha para o bem de todas as pessoas, mas apenas para o bem daqueles que o amam. Aqueles que semeiam vento colhem tempestade, e os que semeiam na carne, da carne colhem corrupção. Mas, se amamos a Deus, sabemos que ele toma o nosso destino em suas mãos e trabalha para o nosso bem (Sl 119.71). Não há motivo para desespero, dúvida ou ansiedade no coração daquele que ama a Deus. Toda boa dádiva procede de Deus. Todo dom perfeito vem de suas bondosas mãos. O nosso Pai só nos dá coisas boas!

Em terceiro lugar, *Deus trabalha para o bem daqueles que o amam, mas segundo o seu propósito, e não conforme o nosso querer* (Rm 8.28). Deus tem um plano eterno, perfeito e vitorioso. Esse

plano não pode ser frustrado. Deus o levará a cabo. Não existe acaso para nós. Nossa vida, nosso futuro e tudo o que nos diz respeito estão sob o total controle do Senhor.

Um propósito eterno

O eterno propósito de Deus em nossa vida não é nos fazer ricos nem famosos, mas santos. O projeto de Deus não é nos tornar celebridades, mas pessoas parecidas com Jesus. O sentido da vida não é sucesso segundo o padrão do mundo, mas atingirmos a plenitude da estatura de Cristo. O propósito de Deus não é apenas o de nos salvar, mas de nos transformar à imagem de Jesus. O nosso destino não é somente a glória, mas sermos semelhantes ao Rei da glória.

O decreto divino tem por finalidade última a exaltação de Cristo. Seremos filhos e herdeiros da família de Deus, mas Cristo será o primogênito entre muitos irmãos. O termo "primogênito" reflete a prioridade e a supremacia de Cristo (Cl 1.15,18; Hb 1.6; Ap 1.5).

Estabelecido o fim último do eterno propósito divino, Paulo passa a falar acerca dos cinco elos da corrente dourada desse propósito:

Em primeiro lugar, *a presciência* (Rm 8.29). Quando Paulo fala que Deus nos conheceu de antemão, ele quer dizer que Deus nos amou desde a eternidade. Esta frase é equivalente "aos que dantes amou" (Jr 1.5; Am 3.2; Os 13.5; Mt 7.23). Esse não é apenas um conhecimento geral de Deus. Nesse sentido, Deus conhece todas as pessoas. Mas Paulo está falando que Deus nos amou de antemão. Conhecer é escolher, é deixar-se envolver; é, então, amar e escolher por amor. Deus colocou o seu coração em nós antes dos tempos eternos. O amor de Deus não foi gerado por possíveis virtudes ou méritos que ele viu em nós. Toda a causa do amor de Deus está nele mesmo. Seu amor é a causa da eleição.

Em segundo lugar, *a predestinação* (Rm 8.30). A predestinação é um decreto eterno, soberano, livre e gracioso de Deus. Foi ele quem nos escolheu, e não nós a ele. A eleição é incondicional. Ele não nos escolheu porque previu que iríamos crer, mas cremos porque ele nos escolheu (At 13.48). A eleição não é resultado da fé, mas a sua causa. A eleição é a mãe da fé, e não sua filha. Deus não nos escolheu porque viu em nós santidade, mas nos escolheu para a santidade (Ef 1.4). A santidade não é causa da eleição, mas seu resultado. Deus não nos escolheu pelas boas obras, mas para as boas obras (Ef 2.10). De tal forma que as obras não são a causa da eleição, mas sua consequência. A nossa salvação não é resultado da iniciativa humana nem do mérito humano, uma vez que tudo provém de Deus (2Co 5.18).

Em terceiro lugar, *o chamado* (Rm 8.30). O mesmo Deus que ama, conhece e elege é o Deus que chama, e o faz de forma eficaz. O chamado de Deus é a concretização histórica da predestinação eterna. A invencibilidade do propósito de Deus é a garantia absoluta de que aquele que ele chamou não deixará de alcançar a glória futura, pois aquilo que foi forjado na bigorna da graça de Deus não pode ser quebrado pela vontade da criatura. Todo aquele que foi escolhido por Deus e é de Deus ouve as palavras de Deus (Jo 8.47). Todo aquele que foi destinado para a salvação crê (At 13.48). Todo aquele que o Pai elege vai a Jesus (Jo 6.37,39,40,44,45).

O chamado ao qual Paulo se refere não é o chamado externo, mas o interno. Todo aquele a quem Deus predestinou desde a eternidade para a salvação, ao ouvir o Evangelho — o chamado externo —, recebe uma operação íntima, profunda e irresistível do Espírito Santo, que é o chamado interno. Esta operação eficaz e transformadora do Espírito é denominada "vocação eficaz" ou "graça irresistível". Os eleitos de Deus são chamados irresistivelmente. Eles podem até resistir temporariamente, mas não finalmente.

Nossa resposta ao chamado é uma operação do próprio Deus em nós (Fp 2.13). É o próprio Deus quem abre o nosso coração, dando-nos o arrependimento para a vida e a fé salvadora. É o próprio Espírito Santo quem opera em nós a regeneração e o novo nascimento.

Em quarto lugar, *a justificação* (Rm 8.30). Como já temos dito, a justificação é um ato legal e forense de Deus. Ela não acontece em nós, mas fora de nós; não ocorre no nosso coração, mas no tribunal de Deus. Não é obra que Deus faz em nós, mas por nós. A justificação não é uma infusão da graça, ou seja, não pode ser confundida com santificação, mas um ato declaratório de Deus por nós. A justificação, consequentemente, não é um processo, mas um ato único e irrepetível de Deus. Não há graus na justificação, ou seja, todos os salvos estão justificados da mesma forma. Somos justificados não pelas nossas obras, mas pela obra de Cristo por nós. A base da justificação é a obra expiatória de Cristo na cruz, o instrumento de apropriação é a fé, e o resultado é a paz com Deus.

Em quinto lugar, *a glorificação* (Rm 8.30). Paulo usa a palavra grega *edoxasen* no aoristo, ou seja, no pretérito perfeito: "glorificou". Isso significa que Deus vê o fim desde o início. Em seu decreto e propósito todos os eventos futuros são abrangidos.

A glorificação é um fato futuro que se dará na segunda vinda de Cristo, mas nos decretos de Deus já é um fato consumado. Não importa se o caminho é estreito, se a estrada está juncada de espinhos, se os inimigos se arvoram contra nós, se estamos em Cristo, pelos decretos de Deus, já estamos na glória. Seguindo o modo de falar hebraico, esse é "o tempo passado profético". Cristo, em cujo destino está incluído o destino dos eleitos de Deus, já foi glorificado, de maneira que nele a glorificação de seus filhos já foi realizada.

A glorificação do povo de Deus é sua final e completa conformidade com a "imagem do seu Filho". A santificação é a progressiva conformação com a imagem de Cristo aqui e agora; a glória é a perfeita conformidade com a imagem de Cristo depois e além. A santificação é a glória iniciada; a glória é a santificação completada.

Paulo enfatiza a inevitabilidade e a certeza absoluta da nossa glorificação. É o céu antecipado. É a glória já. Esse pretérito "glorificou" é a mais ousada antecipação de fé que o Novo Testamento contém. Pode-se perceber na escolha desse tempo verbal uma expressão da certeza da fé; a vontade divina já está firmada na eternidade de Deus, nada contra ela podendo as peripécias da história.

O fim do nosso caminho não é o sepulcro coberto de lágrimas, mas o hino triunfal da gloriosa ressurreição. Nossa jornada não terminará com o corpo surrado pela doença, enrugado pelo peso dos anos, coberto de pó na sepultura, mas receberemos um corpo de glória, semelhante ao de Cristo (Fp 3.21). Nosso corpo resplandecerá como o fulgor do firmamento e como as estrelas, sempre e eternamente (Dn 12.3). Nosso choro cessará, nossas lágrimas serão estancadas. Não haverá mais luto, nem pranto, nem dor (Ap 21.4).

Uma segurança inabalável

Charles Erdman afirma que essa é provavelmente a mais majestosa porção que nos legou a pena do apóstolo Paulo.[14] É o clímax de sua argumentação. Mostrou ele que os crentes em Cristo são justificados pela fé, que sua justificação resulta em viver santo e, por fim, redunda em glória eterna. Francis Schaeffer nos relembra que o Espírito Santo garante vida eterna (Rm 8.26,27), Deus Pai

[14] ERDMAN, Charles. *Comentários de Romanos.* Casa Editora Presbiteriana. São Paulo, SP. N.d.: p.101.

garante vida eterna (Rm 8.28-32) e Deus Filho garante vida eterna (Rm 8.33,34).[15] Mesmo diante das tempestades da vida podemos ter a garantia da vida eterna (Rm 8.35-39). O apóstolo Paulo não poderia terminar essa clássica exposição acerca da segurança inabalável da salvação senão fazendo cinco perguntas retóricas. Vamos considerar essas perguntas:

Em primeiro lugar, *"Se Deus é por nós, quem será contra nós?"* (Rm 8.31). O apóstolo Paulo não pergunta: "Quem é contra nós?", pois, se assim o fizesse, o inferno inteiro se levantaria, vociferando seu ódio incontido. A pergunta é: "Se Deus está do nosso lado, quem poderá nos deter ou nos resistir?" Se o Rei e Senhor do universo está do nosso lado, se ele nos amou, escolheu, chamou, justificou e já decretou a nossa glorificação, então somos vitoriosos e invencíveis. Ainda que o inferno inteiro se levante contra nós, certamente triunfaremos. O mundo, a carne e o diabo podem continuar alistando-se contra nós, porém nunca nos poderão vencer se Deus é por nós.

Deus é por nós e provou isto dando-nos seu Filho (Rm 8.32). O Filho é por nós e prova isto intercedendo por nós junto ao Pai (Rm 8.34). O Espírito Santo é por nós, assistindo-nos em nossa fraqueza e intercedendo por nós com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Deus está trabalhando para que todas as coisas contribuam para o nosso bem (Rm 8.28). Em sua pessoa e em sua providência Deus é por nós. Por vezes, lamentamos como Jacó: "Todas estas coisas me sobrevêm" (Gn 42.36) quando, na verdade, tudo está trabalhando em nosso favor.

Em segundo lugar, *"Aquele que não poupou a seu próprio Filho [...] porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?"*

---

[15] SCHAEFFER, Francis. *A obra consumada de Cristo.* Editora Cultura Cristã. São Paulo, SP. 2003; p.240.

(Rm 8.32). O argumento aqui é do maior para o menor. Se, quando éramos pecadores, Deus nos deu o seu melhor, será que agora, que somos filhos, não nos dará tudo o que precisamos? Se Deus nos deu o maior, certamente nos dará o menor. Se Deus fez o máximo, ele fará as demais coisas. Aquele que começou a boa obra em nós há de completá-la até o dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).

A expressão "não poupou" é negativa, enquanto "entregou" é positiva. Cristo é o dom inefável de Deus, e a cruz é o gesto mais profundo do seu amor. Cristo não morreu como um mártir. Ele foi entregue e ele mesmo se entregou. Quem entregou Jesus à morte? Não foi Judas, por dinheiro; não foi Pilatos, por medo; não foram os judeus, por inveja; mas o Pai, por amor.

Em terceiro lugar, *"Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus?"* (Rm 8.33). Nenhuma acusação pode prosperar contra nós, uma vez que Deus já nos justificou com base no sacrifício vicário de Cristo. Estamos quites com a lei de Deus e com sua justiça. Não há base legal para nenhuma cobrança contra nós no tribunal de Deus. A ideia é que nenhuma acusação poderá ser levantada contra nós se Jesus Cristo, nosso advogado, nos defende e se Deus, o juiz, já nos declarou justificados. Nossos pecados já foram perdoados. Nossa dívida já foi paga. A justiça de Cristo já foi creditada em nossa conta (2Co 5.21). Estamos justificados. Este fato é real, absoluto e irrevogável.

Em quarto lugar, *"Quem condenará os eleitos de Deus?"* (Rm 8.34). Nosso coração, nossos críticos e todos os demônios do inferno procuram nos condenar. Porém, essa condenação é sem efeito, e isso por quatro razões:

Primeiro, *a morte vicária de Cristo* (Rm 8.34). Cristo morreu por nós, em nosso lugar e em nosso favor. Ele sofreu o castigo que deveria cair sobre nós. Ele bebeu sozinho o cálice amargo da ira

de Deus que deveríamos beber. Ele sofreu o duro golpe da lei que deveríamos ter suportado. Ele morreu a nossa morte.

Segundo, *a ressurreição de Cristo* (Rm 8.34). A morte não pôde retê-lo na sepultura. Cristo triunfou sobre a morte e arrancou o seu aguilhão. Ele venceu a morte, ressuscitou dentre os mortos para a nossa justificação. A morte foi destronada. Ela foi vencida. A ressurreição de Cristo é a garantia e o modelo da nossa ressurreição.

Terceiro, *o governo de Cristo* (Rm 8.34). Jesus está à direita de Deus, uma posição de exaltação e governo. Isso significa que Deus Pai aceitou sua obra expiatória e o exaltou sobremaneira, colocando-o acima de todo principado e potestade.

Quarto, *a intercessão de Cristo* (Rm 8.34). A intercessão de Cristo tem absoluta eficácia. Ele é o nosso intercessor legal. Ele nos representa diante do trono de Deus de tal maneira que não precisamos representar-nos a nós mesmos.

Em quinto lugar, *"Quem nos separará do amor de Cristo?"* (Rm 8.35-39). Paulo responde a esta grande pergunta com outra pergunta: "Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?" O argumento do apóstolo é que nenhum problema, situação, adversidade, acontecimento, ser humano ou mesmo angelical poderá nos separar do amor de Cristo. Ao contrário, em todas estas coisas somos mais que vencedores (Rm 8.35-37). Esta frase, "mais que vencedores", é na língua grega uma só palavra, *hypernikomen,* cujo significado é "hipervencedores".

Paulo chega ao ponto culminante da sua argumentação quando escreve: "Porque eu estou bem certo de quem nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer

outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.38,39). A convicção firme e inabalável de Paulo é que nem a crise da morte, nem as desgraças da vida, nem poderes sobre-humanos, sejam bons ou maus (anjos, principados, potestades), nem o tempo (presente ou futuro), nem o espaço (o alto ou o profundo), nem criatura alguma, por mais que tente fazê-lo, poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.

Há três séries de provações que nos atingem: A primeira evoca os embates interiores da fé contra a dúvida (Rm 8.35a). A segunda traz à baila as ameaças de que os homens são os instrumentos (Rm 8.35b). A terceira faz intervirem as forças misteriosas do mundo que escapam a todo controle humano (Rm 8.38,39).

O capítulo 8 de Romanos começa com "nenhuma condenação" porque estamos em Cristo e termina com "nenhuma separação" porque estamos em Cristo. Mas, entre o começo e o fim, há um profundo vale de lutas e conflitos. Contudo, o viajante no caminho da salvação tem a segurança da vitória. Deus seja louvado por tão gloriosa salvação e por tão bendita segurança!



AGRAPHAI

EM BRANCO